

Frou-Frou...



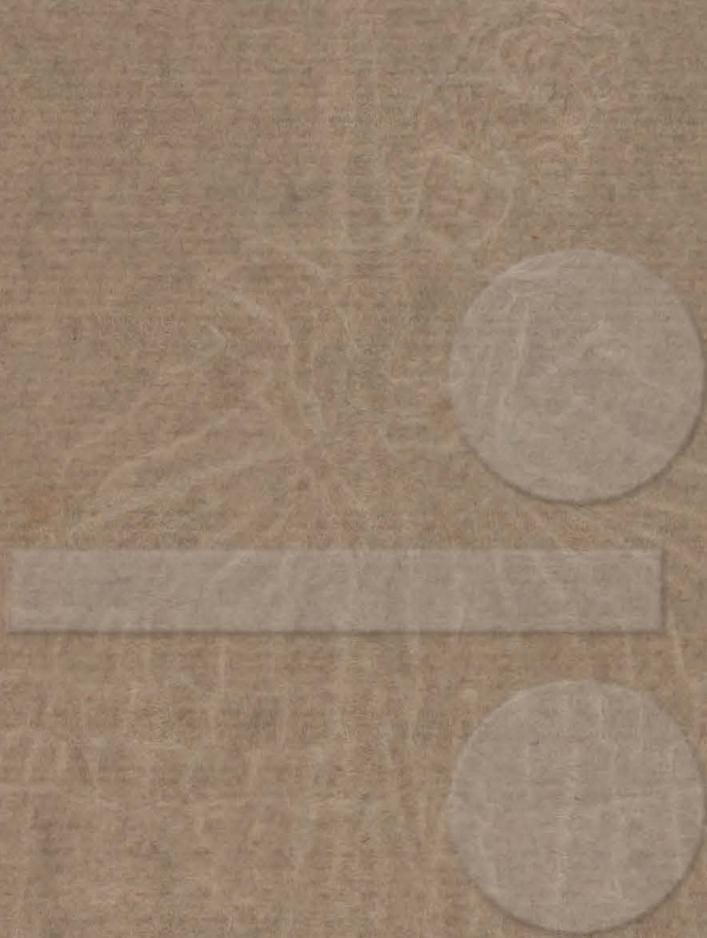
ANNO I

Nº 8

PREÇO

2\$500

WORLD-WORLD



PRECO

S #200

WORLD

S #200

Cottage

Perfumista

RUA DOS OURIVES, 45

Tele. N. 1088

Victoria

Mussette

OS
PERFUMES DA
MODA

Surprise

Em Extractos – Loções – Pó de Arroz – Creme –
Brilhantina e Sabonetes

A' venda nos depositos *Cottage*

45, RUA DOS OURIVES

e nas principaes perfumarias

CP

PÓ DE ARROZ

LADY

É o melhor e não é o mais caro.

PREÇOS:

Caixa grande	2\$500
Pelo correio.	3\$200
Caixa pequena	\$500

À venda em todo o Brasil

PERFUMARIA LOPES

Praça Tiradentes Ns. 36 e 38 / RIO
e Rua Urugayana N. 11

J. Lopes & C.

Grandes exportadores de perfumarias nacionaes e estrangeiras



Para dar brilho e rosar as unhas

SÓ O "ESMALTE ORIENTAL"

- A MENINA DA JANELLA -

Perto de minha casa vejo sempre uma mocinha loira, que parece não ter outra coisa que fazer na vida senão pôr as tranças ao sol.

Se vou para o escriptorio ou se volto d'elle, a menina loira de olhos verde-gris lá está de cotovéllos na janella, como figurinha de Sévres exposta aos olhares dos transeuntes. Afinal eu já aabei por acostumar-me e creio que, o mais que me admiraria, agora, era não a vêr feita papagaio. E por que será que ella tanto está de janella?

Que se saiba pela visinhança, não ha noivo... noivo conhecido, pelo menos.

Serão varios os que passam... Hoje um... amanhã outro, mais tarde será um exercito na lembrança, mas nenhum no lar. Penso tristemente commigo. Aquella menina não terá mamãe que lhe diga não ser, a janella, moldura em que fique bem posto o rosto de uma mulher boa e carinhosa?

O que irá ser dessa pobre creatura quando passem alguns annos e os cabellos doirados se lhe tornem brancos, o brilho dos olhos se apague e a humidade da bóca se extinga?

Por que não lhe ensinaram a ser casta, a ser ingenua, a amar todas as pequeninas coisas que constituem a alma do lar?

A planta que viceja e cresce sob a régua a horas, a cortina que ganha em belleza com a prégua da mão feminina, o tapete que se lustra até parecer novo, sob a escova da mulher asseada e todas

essas frivolidades com que se attestam os toucadores e os porte-bibetots.

Pobre mocinha da janella!

Como me entristece a alma por aquelle seu amor a tudo que se passa na rua!

Oh! Quem pudera não vêr nunca a rua! Quem pudera encerrar tristezas e alegrias no mais recondito do interior da casa!

Ter um esposo que nos ame, umas mãos que nos acariciem, uns olhos que se vejam nos nossos olhos..

Quem vae lembrar-se, então, do que se passa na rua, se no fundo dessas quatro paredes está o céu?

Pobre mocinha da janella!

Na tua pupilla verde retrata-se um coração vasio, um coração que não póde chamar uma mãe, talvez prematuramente fallecida!

Como eu desejaria ser qualquer coisa de ti, para ir ahi e dizer-te ao ouvido a oração que ninguem te ensinou, a oração do trabalho!

Como eu quizera rezar para tu ouvires a oração bem dita que minha mãe, que já morreu, mas eu nunca esqueço, me ensinou quando eu tinha a tua idade!

Se eu t'a pudesse dizer, ensinar, tenho a certeza de que não voltarias mais a ficar assim de janella, mocinha da cabelleira loira e olhos verde-gris.



Esta palavra tão pequena tem uma grande significação. Quem sabe rir sabe viver. Aquelle que, de vez em quando, abre, na monotonia da vida diaria, um parenthesis que encerre o goso de uma grata companhia, o encanto da muzica, o prazer da dança, as delicias do vinho e do amor, em summa, aquelle que cumpre com prudencia esta ordem: Ri! é quem mais forças accumula para affrontar a luta pela existencia.

O receio de que a um desses momentos de expansão succeda uma dor de cabeça, um pouco de malestar e nervosismo, não mais existe desde que appareceu a CAFIASPIRINA.

Dois comprimidos bastam para aliviar, em poucos minutos, a dor de cabeça e para que todo o organismo experimente uma agradável sensação de calma e bem estar.

Identica efficacia tem a CAFIASPIRINA nas dores de garganta e ouvido, nevralgias, resfriamentos, rheumatismo, etc.

CAFIASPIRINA não affecta absolutamente o coração.

Vende-se em tubos de 20 comprimidos e em Enveloppes de uma dose, um e outros identificados pela Cruz Bayer.



BORGES & IRMÃO

(BANQUEIROS)

Casa fundada em 1884

FILIAL: 24 Rua da Alfandega, 24 - Rio

ENDEREÇO TELGR BORGEMAO

Saques sobre todos os paizes da Europa, especialmente Portugal e Hespanha

OS CHRYSANTHEMOS

A historia do chrysanthemo não é muito prolixa. A magnifica flôr japoneza cujo cultivo se generaliza e se vae tornando industria para muita gente, nasce lá pelo Japão como matto, e ignora-se até quando é que jardineiros, mais ou menos habeis, começaram a cultivar a Rainha do Outomno.

Em fins do seculo XVII, o sabio botanico Jacob Breyn encontrou-a entre as plantas exóticas que os navegadores holandezes trouxeram para o seu paiz e baptizou-a solemnemente com este nome esplendido: "Matricaire japonaise".

Pouco antes da revolução franceza, o capitão de navios, Pedro Blancard, trouxe da China tres plantas, uma violeta, uma branca e uma purpura, isto é, as respectivas sementes, que foram deitadas á terra no jardim real, só brotando a ultima qualidade. Nos dias de revolução, os *sans culotte* arrazaram o jardim, querendo substituir as flores por batatas. Felizmente, Blancard tinha trazido novas sementes da China, que semeára numa herdade que possuia perto de Marselha. Pôde, desse modo, offerecer um ramo de chrysantemos á imperatriz Josephina.

Desde então, dir-se-ia que enlouqueceram os amadores da flor nova, querendo submettel-a aos mais estranhos processos.

Em 1825, lady Gordon Cummings, que rivalizava com os japonezes e chinezes na arte das estravagancias jardineiras, conseguiu fazer viver um pé, de que, cada um dos ramos pertencia a uma variedade distincta e dava flôres differentes. A louca paixão da Inglaterra redobrou, por essa flor, nessa época. Houve colleccionadores assombrosos. Mandaram-se vir do Japão quantas sementes de variedades distinctas se puderam encontrar, e os mais famosos jardineiros amarelltos, e começou o baptismo de tantas flores diversas. Adonis, Cybelle, Arthemiza, etc., tornando quasi pequenas a mythologia e geographia para facilitar o novo vocabulario. E houve "chrysantemistas" que não tinham outra profissão. Era uma luta internacional desesperada. Um cultivador da Belgica, o sr. Callier, produziu num jardim de Gante um

chrysanthemo que media dois metros de diametro e chegou a ter, a um tempo, trezentos e oitenta flores e botões.

A França e a Inglaterra dispuzeram-se a arrebatar á Belgica o campeonato do chrysanthemo gigante, e coisas extraordinarias se viram por então.

Mas o Japão esmagou tudo e todos.

Na exposiçãõ de Paris, em 1900, uns japonezes authenticos apresentaram cinco plantas enviadas expressamente de Tokio, de tal tamanho que, para as resguardar, foi preciso construir um pavilhão de oito metros de altura por dez de largo.

Um segredo do Passado

Para o beneficio de nossas leitoras damos aqui uma traducção d'um trecho que encontramos n'um velho livro inglez, tratando da beleza da mulher.

" Porque usar cosmeticos que custam caro e são nocivos á cutis? Um tratamento natural que preserve á epiderme a sua belleza e setinez original é o uso, cada noite, de cera de abelhas. Esta cera absorve durante a noite as impurezas colhidas durante o dia, evitando manchas e eliminando aquellas já existentes. "

Apparentemente os nossos avós fizeram uso da cera de abelhas na sua condiçãõ natural com as impurezas de que vem cheia, sendo que o livro não indica como se deve purificar tal cera de abelhas. Felizmente podemos agora obter o Creme e o Leite de cera purificado, que são nada mais de que um perfeiçoamento desta velha formula ingleza que traduzimos.

CASA ABRUNHOSA

Rua da Assembléa, 103 - Rio

ULTIMO MODELO em
Faisão de todas as cores

Originalidade — Arte — Bom gosto



A ESCOLHA

(Conto polaco de Mme. de Kumarenska)

Havia no extremo da aldeia uma casa mais bonita que as outras, onde morava um casal de velhinhos ricos e respeitadões.

Seu unico filho estava na idade de casar, e elles começaram a pensar seriamente, nisso, para encontrar uma companheira digna do rapaz, do seu Jacques, pela sua fortuna e sua posição. Não que faltassem, nos arredores, moças honestas e formosas. Pelo contrario, até, havia muitas, que faziam valer, quanto podiam, suas virtudes domesticas e attractivos particulares, em volta desse bello partido. Cada uma parecia encantadora, mas nenhuma dizia bem das outras.

Então, os dois velhos sentiram-se descoraçoados. Um dia, a velha disse ao marido :

— Escuta, João. Nós precisamos resolver isto. Não se pôde conhecer bem um homem ou uma mulher, senão lidando com elles de perto, sem o suspeitarem. Finge-te de mendigo e vae de uma casa a outra pedindo esmola. A joven que melhor te tratar, é a que nós preferiremos e daremos como esposa ao nosso filho. Será a melhor esposa.

O conselho agradou ao velho. Arranjou umas calças remendadas, botou pelas costas uma velha capa esfarrapada, e um sacco, cobriu a cabeça e parte do rosto com um chapéo de grandes abas e, munido do infallivel bordão, saiu de casa a capengar para a vizinha aldeia.

Depois de uma longa caminhada de um extremo a outro da povoação regressou, á noite, fatigado e triste. Sem entrar em casa, deixou-se cair pesadamente no ban-

co que ali havia ao pé da porta. A mulher acudiu logo, curiosa, para o interrogar, e notou que o marido tinha a face esquerda do rosto inchada.

— Dize-me João, perguntou ella audazmente, qual escolheste tu para nora ?

— Ah ! respondeu elle. Volto confuso. Como queres tu que eu dê preferencia a esta ou áquella ? Julga tu por ti. Entro na casa de uma e peço esmola, e ella sem hesitar, sem vacillar dá-me um pedaço enorme de toucinho. Toco para casa da segunda. Bota-me no alforge pão e carne. Em seguida sorri para mim. A terceira offereceu-me uma imagem santa, e a quarta coze-me os andrajos do meu vestuario. São todas boas como vês. A primeira é generosa, a segunda compadecida, a terceira piedosa, a quarta trabalhadora. Todas têm solidas virtudes !..

— Desse modo, realmente, não é coisa facil a escolha. Mas é preciso dar solução a isto... Mas... Espera... O que é que te aconteceu ?! Tens a cara inchada de um lado !..

— Coisa de nada !.. nem vale a pena falar disso... atalhou o velho com desgosto... Boli com uma moça bonita que encontrei na estrada e ella applicou-me uma bofetada de tal ordem que caí no chão... .

A velha, atalhando, gritou :

— Grande idiota ! E deixaste-a ir embora ? Não lhe disseste mais nada ? Era essa a que deverias ter escolhido para mulher de Jacques Foi exactamente como se do alto do céu, o bom Senhor Jesus te tivesse mostrado, com o dedo, o que procuravas. Grande idiota !..

TINTOL

PARA TINGIR EM CASA.

M. CONÇALVES & C^{IA}. RUA MUNICIPAL 13 TEL. N. 195

Banco do Rio de Janeiro

Teleph. N. 107 e 1159

RUA D'ALFANDEGA, 29

Ins. Teleg. "BANRJA"

Filias — Miracema. Cabo Frio, Muquy e Santo Antonio do Carangola

CORRESPONDENTES EM TODAS PRAÇAS DO BRASIL

Capital autorizado 10.000.000\$000

Tabella de Juros em de

Movimento	3 %	Aviso	6 m
Limitada	5 %	Prazo	6 m
	1 anno		

FAZ TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS EXCEPTUANDO CAMBIO
29, RUA D'ALFANDEGA, 29

UM CONTO

Os amores da ultima Czarina

Brigaram certo dia o Diabo e São Miguel porque o Diabo dizia que todas as mulheres eram "charlatãs" e intrigantes e São Miguel affirmava que não. Para prova, iria á Terra buscar uma, sem grande demora nem trabalho em encontrá-la.

Já São Miguel corrêra, como se costuma dizer, meio mundo, sem achar o que desejava e resolveu, de cansado, deitar-se um pouco ao pé de um vallado de madresilvas. Ouviu mal pegára no somno, vozes de mulher, e espiou com um olho só e mal aberto. Viu do outro lado das madresilvas tres mulheres. Falavam delle. Uma, dizia que elle não podia deixar de ser um bebado, pois bem se lhe via isso no rosto muito corado. A outra negava que elle fosse um ebrio. Estava convencida de que devia ser um ladrão, pois estava com as roupas de São Miguel vestidas, sem duvida roubadas na igreja.

A terceira era uma velhinha que nada dizia, nem de bom nem de máo. Limitava-se a olhal-o e sorria com doçura. Estava ali o que elle queria.

Nessa noite, quando a velhinha dormia, São Miguel entrou-lhe no quarto, envolveu-a com todo o geito nos lençoes, e resguardando-lhe os cabellos de neve com as suas azas de archanjo, chegou com ella ás portas do Inferno e chamou, para dentro:

— Demonio de todos os demonios! Vem ver! Aqui te trago uma mulher que não é intrigante nem murmura de ninguem.

O Diabo attendeu-o e veiu fóra, meio suffocado de calor, mas assim que viu a velha, deu uma gargalhada e retorquiu:

— Ora, seu São Miguel! Que admiração! Essa velha é surta-muda!

A. Guimars.

Julio Szeps, que, segundo o "Neues Wiener", é sobrinho por afinidade de mr. Clemenceau, acaba de revelar um capitulo inédito da vida da ultima czarina, o qual lhe foi narrado por um official francez, membro da missão enviada á Russia por occasião do centenário da batalha de Moskowa.

Ao celebrar-se tal festa — informa Julio Szeps — todo mundo se mostrava admirado ante a extranha attitudé do imperial matrimonio. Nicolau estava sombrio, e apenas de quando em quando pronunciava algumas palavras, assim mesmo incoherentes e incompreensíveis. Alexandra estava sempre triste, o ar abstracto, o pensamento como que bem longe. Alguns intimos da corte souberam, mais tarde, dos graves motivos dessa attitudé extranha.

A tzarina — eis a historia — se apaixonara loucamente, fazia pouco por um official da Guarda Imperial, o tenente Orloff, que por sua vez correspondia fogosamente aos amores de sua linda soberana. Os dous amantes haviam encontrado meios de se avistarem secretamente. Um bello dia, porem, o official desapareceu. Inquieta, a tzarina indagou da sua "entourage" que destino lhe haviam dado. Responderam-lhe com evasivas. Presa, então, de uma viva e mortal angustia, ella deliberou tentar um golpe decisivo. Foi ao tzar e perguntou-lhe o que se dassara com Orloff. Nicolau disse-lhe com rispidez:

— Eu sei de tudo. Nenhum detalhe da vossa ligação illicita me foi occulto. Nunca mais tereis noticias desse official que trahiu o seu Senhor. Exasperada, a imperatriz esqueceu tudo, nesses hora: sua dignidade de soberana, sua segurança pessoal, o proprio interesse dos seus filhos. E exclamou, soberba de indignação e de heroismo:

— Si Vossa Magestade não me garante que Orloff está com vida e em liberdade, eu direi deante de todo mundo que o tsarevitch não é vosso filho.

Essa scena — termina Julio Szeps — ter-se-ha passado dous dias antes da festa do centenário de Moskowa.

Almeida Marques & Cia.

Casa fundada em 1876

Lithographia e Typographia, Papelaria e Encadernação

LIVROS EM BRANCO

Objectos para escriptorio

RUA DA QUITANDA, 58

RIO DE JANEIRO

Grande extracção da Loteria de 1.000 contos em beneficio da Cruz Vermelha Brasileira



Funcionarios do Thezouro Nacional que procederam á extracção da última loteria da C. V. B. — Um aspecto da assistencia ao grande sorteio, no qual o premio de 1.000 contos cabe ao bilhete n. 1782, vendido por intermedio dos Srs. Amancio Rodrigues dos Santos & C., de São Paulo.





Frou-Frou...

ANNO I - NUM. 8

MAGAZINE MENSAL

JANEIRO 1924

Propriedade de S. SANTOS & COMP.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Avenida Rio Branco n. 110
RIO DE JANEIRO
End. Tel. FROUFROU - RIO

Director - Gerente: **Manoel Santos**
Correspondencia a Caixa 572
Composta e impressa nas officinas
do "Jornal do Brasil"

Preço :

Rio e Estados. . . . 2\$500
Numero atrasado. . . . 3\$000
Assignatura (um anno) 36\$000

- 1924 -

1924, minha querida senhora, vai ser para nós, para mim, para Vossa Excelência, para os nossos amigos — ah ! quanto pôde o egoísmo humano. — a era da felicidade, do prazer, da alegria. Não sei si a minha doce amiga tem por costume ler, como eu, inveterado retrogrado, as obras dos antigos. Si padece desse defeito — **passadismo**, chamam-n'o, hoje, os fics de Blaise Cendrars e Cocteau — creio que sentirá, commigo, o ingenho, o candido, o innocente jubilo do "anno que vem", anno-promessa, anno-esperança, anno-hora dourada da Illusão.

Outr'ora, minha amiga, nós todos eramos umas creaturas simples, que acreditavam nas prophecias do Mucio Teixeira, nos mysterios da Encarnação, em mim, Zizina e no seu esposo e successor. As lendas evangelicas, os contos da Carochinha, as historias phantasticas de Scheerazade — como tudo isso nos embalava a mente e nos enchia o coração de um meigo, de um suave, de um delicioso bem-estar !

Quando era a noite de São Sylvestre, naquelle tempo, nós nos reuniamos, raparigas e rapazes, em torno de um velho piano, e recitavamos ao som da "Dalila", a voz cheia de emoção, os bons versos antigos :

Julietta do céo, ouve, a calhandra
Já rumoreja o canto da matina...
Tu dizes que eu menti ? Pois foi mentira !
Quem cantou foi teu halito, divina !

Depois, nós, os namorados, nos recolhiamos a um desvão de janella e, sob a lua branca e sob as estrellas tremuias, juravamos, um para o outro :

— "Pensas em mim ? Somente em mim ?
— Somente em ti ! E nunca hei de abandonar-te !"

Hoje, minha boa amiga, os meninos e as meninas dansam o "fox-trot", sorriem de Mucio Teixeira, não se lembram de ter ouvido falar em mim, Zizina e, sobretudo, têm um absoluto desrespeito pelas cousas santas da Tradieção :

— "Natal ?! Anno Bom ?! Ah ! si não fosse o "Gloria" que insipido o fim do anno..."

Nós, ao contrario, achavamos um Paraíso os ultimos dias do anno. E por que ? Porque elles nos traziam, ao rythmo da voz consoladora da Esperança, a delicia d'onro de uma dourada promessa — a Felicidade.

Para elles, minha querida, nada significa, nada vale este simples numero, para nós symbolico : 1924.

Fiquemos, pois, ó doce companheira das minhas horas tranquillias, dentro do "passadismo", dentro da Tradieção :

— "Bons annos, meu amor !
— Meu amor, muito bons annos !"
Não está conforme ?

Des Grioux.

O Esplendor e decadência da "Dama das Camélias"

DE TODAS as mulheres bonitas que desde a origem do mundo se dedicaram á profissão de lutar contra a virtude — escreve Lenôtre — nenhuma occupa, nos annaes da galanteria, logar comparavel ao de Alphonsina Plessis, a "Dama das Camélias", cujo centenário se commemorou este mez. Nem a bella Ninon de Lenelos, nem Marion Delorme, exalçadas, todavia, pelos poetas; nem, mais recentemente, Rosalia León, que de creada de hospedaria passou a princeza de Liechtenberg; nem Margarida Bellanger, que foi quasi imperatriz, nem Lola Montes, que reinou na Baviera; nem a Paiva, nem Cora Pearl, apezar da sua turbulenta falta de vergonha; nem a Mogador, nem a Pomaré, nem Clara Fontaine e outras tantas *bichas* das festas imperiaes inspiraram tanto interesse quanto essa rapariga melancolica, cujo sorriso embriagou Paris durante quatro ou cinco annos. Sómente, talvez, a enamorada e volúvel Manon conserva um prestigio parecido. Ella é, porém, um ser imaginario, que deve muito ao abbade Prevost, e mais ainda a Massenet.

Alphonsina Plessis encontrou, é verdade, um Alexandre Dumas filho que bastante contribuiu para a sua fama. O seu dominio, entretanto, era já uma realidade, quando elle a fez a heroína de uma novella ruidosa e de uma comedia de exito inextinguivel. O seu enigmatico poder firmou-se sem o auxilio da literatura. E, ainda hoje, a "Dama das Camélias" acende a chamma dourada do amor no coração inquieto dos homens.

O pae de Alphonsina foi Marin Plessis, camponez normando, pobre e viciado, e a mãe uma excellente e sympathica mulher, que não tardou em abandonar o marido, empregando-se como dama de companhia de uma senhora ingleza amante das longas viagens, pelo que teve ella de deixar as suas duas filhinhas sob os cuidados de parentes.

"Alphonsina — diz Lenôtre — creceu, pois, no campo, sem vigilancia, abandonada a seus instinctos, exposta ás auctacias dos conquistadores de mulheres. Uma companheira de funambulos levou-a para Paris, onde a abandonou. Tinha, então, quatorze annos. Um verdureiro da rua dos Dons Escudos tomou-a como mucama, para todo o serviço.

Coberta de farrapos, os pés mettidos em grosseiros tapetes, preguiçosa, submissa, cheia de medo do diabo, das almas do outro mundo, dos "lobis-homens", completamente illetrada, sem ao menos saber escrever o nome, Alphonsina era, nesse tempo, uma pequena selvagem.

Tres annos depois, ella reinava na Opera, nas noites de estréa, no camarote de um joven duque em cujo brasão se ostentava a divisa de uma bella casa de França. E' a mais admirada, a mais elegante e a mais fina das parisienses. As damas de maior destaque invejam a sua distincção, a sua maneira de



Sara Bernhardt no papel de
Dama das Camélias

vestir, as suas attitudes de marquezas, o seu porte cheio de tacto e de modestia. Os homens mais eminentes tambem se honram em ser recebidos em sua casa. Os artistas mais famosos pedem conselho ao seu bom gosto. Os escriptores mais celebres comprazem-se em ouvi-la. Já leu tudo; é musica; escreve cartas deliciosas, numa orthographia e num estylo impeccaveis; amazona intrepida, passeia pelo Bosque ou pelo Boulevard Saint Germain, arrastando atraz de si uma legião de adoradores.

Que milagre produziu essa metamorphose?

Que de extraordinario se passou nesse curto espaço de tres annos? Ninguem o sabe.

Nestor Riquieplan affirma que essa divindade resplandecente não é senão uma infeliz rapariga, que elle encontrára, fazia pouco tempo, morrendo de fome na Ponte Nova, e a quem, por piedade, pagou um cartucho de batatas fritas.

Jules Janin contenta-se em dizer que é esse um dos mysterios da época.

Para falar a verdade preferese tudo ignorar, tamanha é a seducção dessa belleza impressionante, dessa graça exquisita, desse caracter tão gentil.

Maria Duplessis — Alphonsina mudou de nome, acrescentando uma particula ao seu appellido — Maria Duplessis não conta um só inimigo. Todos a adoram. Jámais ella será a heroína de uma dessas historias escandalosas, de jogo, dividas, duello, as quaes tantas outras devem o seu renome. A seu respeito, citam-se apenas rasgos amaveis, de boa camaradagem, de desinteresse. Atribuem-lhe um numero consideravel de amantes. Pois bem. Delles todos, não ficou só deixou de continuar a ser seu amigo.

A "Dama das Camélias" nunca foi uma grande esbanjadora. Vivia, porém, com bastante luxo — a sua despesa annual era de sessenta mil francos — numa casa elegante, repleta de objectos d'arte, de bellos moveis e de camélias brancas.

"Nesse lar harmonioso, a filha de Marin Plessis, co-gnominado "*O bruxo*", recebia a ceiar, após o theatro, aonde ia quasi todas as noites, feiçeira, risonha, affavel, idealmente bonita: grandes olhos negros, doces, vivos, assombrados, quasi inquietos, "cheios alternativamente de candura e de vagos desejos"; sombrancelhas admiraveis "que antes pareciam pintadas"; uma cabelleira larga, espessa e negra, semeada de diamantes e flôres; a cabeça pequenina, sob esse adorno sumptuoso; o nariz "de corte delicado"; o corpo meúdo e doceil; uma aristocracia de fórmas "que a consagrava duqueza".

Jules Janin, que era um rapaz conhecedor desses assumptos, deleitava-se com a conversação dessa fada, de lin-

guagem "sonora, eloquente e sonhadora", e assim resumia a sua impressão de uma entrevista com ella :

"Suas maneiras correspondem á sua linguagem, seu rosto a seu sorriso, seu penteado á sua pessoa, e em vão se buscaria, nas mais altas camadas da sociedade, outra mais formosa, mais em perfeita harmonia com suas joias, seus vestidos, suas palavras".

Eis ali o que tres annos de Paris haviam feito da camponesa rude e ignorante. Na época de seu apogeo, contava ella apenas vinte annos. Invejada, adulada, amada, cercada de homenagens, que feliz deveria ser !

Mas ah ! essas existencias soffrem revezes espantosos. No coração de Maria Duplessis sangrava uma ferida incurável e secreta, que Alexandre Dumas descobriu.

Elegante, sympathico, possuidor de um nome celebre, Dumas filho vivia, mais para conhecimento proprio do que por gosto, na sociedade de gastadores ociosos que então formavam a celebre corporação dos "leões do boulevard".

Certa noite, o filho do autor dos "Tres Mosqueteiros" foi convidado a ceiar em casa da Duplessis.

"Elle passou todo o tempo — escreve Lenôtre — a observar Maria, que, alegre, por effeito do *champagne*, naturalmente, se entregou, nesse dia, a uma libertinagem que contrastava com o ar de innocencia do seu rosto. Enquanto o joven se affligia ante "esse desmentido a um tío perfeito conjuncto de graças e de modestia", a deliciosa peccadora, atacada de uma tosse violenta, viu-se obrigada a levantar-se da mesa e a refugiar-se em seu quarto de *toilette*.

Intrigado, Dumas acompanhou-a. Extendida sobre um grande canapé, muito pallida, a bocca entreaberta, Maria procurava tomar alento. Sobre a mesa havia uma vasilha cheia de agua sangrenta... Muito commovido, Alexandre Dumas tomou a mão da joven e, enquanto na sala visinha os outros convidados riam alto, procurou consolal-a com palavras tão commoventes, tão ternas, que Maria, ganha a sua confiança por essa voz do coração, nunca ouvida por ella até esse instante, contou-lhe o drama occulto de sua vida, o horror e a inquietude da quêda, a pena inconsolavel da pureza perdida...

Quem não conhece o dialogo dessas duas crianças de vinte annos ? Quem já não se commoveu, lendo-o na novella e ouvindo-o no theatro ?

Dumas garantiu, mais tarde, que a scena, tal como a descrevera, fôra absolutamente vivida".

E Lenôtre conclue : "A corteziã arrependida, o anjo cahido e sempre anjo — eis um thema que enthusiasma a todos os jovens. Com a idade, nós nos tornamos scepticos, deixando de acreditar na realidade desse paradoxo sentimental. Pôde-se, entretanto, dizer que esse foi o caso de Maria Duplessis. Todos os que a conheciam testemunham a ingenuidade do seu rosto e de sua angelica figura, attestando os desgarrs de sua vida.

Os mais perspicazes sentiam-se commovidos pelo tragico spectaculo dessa alma "cansaça de sua existencia vergonhosa, assassina do seu corpo, para acabar com ella". Assim se explica o prestigio enterneceido que ella exerceu sobre os seus contemporaneos e que tão singularmente perdura.

Paul de Saint-Victor, que a via "no cortejo de festas em que se exgottava para abreviar a hora do grande repouso", ficou impressionado com a sua conducta desenfreada.

Era em Agosto de 1846, num baile. Uma valsa arrançou subitamente Maria da languidez a que se abandonava. Ella erguen-se de sua cadeira, tomou o braço de um cavalheiro e começou a dansar. Dansou por muito tempo, com paixão, com embriaguez. No auge do atordoamento e da vertigem, a que sem piedade arrastava a sua debilidade, adi-

vinhava-se a sua resolução de "romper por uma morte prematura, o captivo que a acorrentava ao prazer".

Seis mezes depois, estava morta : morta aos vinte e tres annos.

Dos numerosos amigos da vespera, sómente dous, desafiando os commentarios maliciosos do *boulevard*, acompanharam até ao cemiterio da Magdalena o carro funebre, coberto de corôas brancas.

... E foi assim — figura de sonho e de legenda, deliciosa na sua simplicidade e na sua belleza, victima do Destino e victima do Amor — que a amante infeliz de Armand Duval passou pela vida, as mãos cheias de rosas, os pés dilacerados pelos espinhos. Não ha quem lhe ouvindo ou lendo a pobre historia, não sinta uma lagrima afflorar-lhe ás palpebras, como num offertorio de ballada os versos cheios de unção de uma menestrel.

E por que essa fascinação ? E por que esse prestigio ?

Ah ! ide perguntar ao coração de todos os homens e de todas as mulheres que uma vez amaram na vida — qual a razão desse culto, qual o motivo dessa nova religião.

Margarida Gauthier sublimou-se no amor pela renuncia, pelo sacrificio. Só os grandes amourosos são capazes desse gesto unico : a renuncia. Só elles são capazes de um sacrificio. Só elles, finalmente, sabem amar na solidão e no silencio, numa palavra — sabem soffrer.

E já houve porventura, no mundo — respondei ! — creatura que tivesse sabido amar tanto quanto a Duplessis ?

Ella é, pois, na muda e infinita tragedia da humanidade, pelo symptoma do bello, do verdadeiro amor : do amor que, como uma grande flôr de sombra, viceja no jardim fechado da Resignação.

... Fez um seculo, este mez, que a heroína de Dumas abriu pela primeira vez os olhos para a miseria da humanidade. Ninguém, com certeza ninguem, lhe foi levar ao tumulo humilde um ramo de violetas, que dissesse toda a profunda admiração dos seculos pela sua figura singular de grande amorosa. Ninguem lhe foi murmurar ao ouvido uma oração deslumbrada ou commovente. Ninguem lhe foi revelar os segredos que ainda hoje atormentam, como atormentaram ao della, o coração dos infelizes mortaes. Maria Duplessis dorme ignorada o seu somno eterno, num recanto tranquillo e melancolico da Magdalena. Ha como que o recio de acordal-a...

Mas o seu reino, como o de Jesus, não é deste mundo. O seu throno dourado, ella o edificou sobre o proprio soffrimento humano. E é das dôres que perpetuamente affligem a nossa imaginação desvaçada e a nossa forte sensibilidade que vive e se alimenta o prestigio da sua legenda, a um tempo bohemica e desgraçada, alegre e triste, esplendida e andrajosa, como os clarões que irrompem de subito no meio da treva, mas que não duram senão um instante fugaz.

Margarida Gauthier reina dentro de nossas almas, que ainda o fulgôr de seus olhos illumina e ainda o doce rythmo da sua voz embala e adormeece.

Todos nós que, um dia, amámos e que, um dia, tivemos cortado o coração pelas settas do trefego Deus-Menino, todos nós a temos guardada nos peitos batidos das angustias e das tormentas, como um symbolo maravilhoso — o nosso symbolo, o symbolo da humanidade, porque tudo na vida — a Gloria, a Fortuna, a Honra, o Dever, a Felicidade — tudo, tudo, se reduz unicamente a esta fórmula fejticeira, eterna como a propria Eternidade : o Amor.

Elevemos, pois, os corações até onde paira o espirito de luz dessa creatura cheia de belleza e cheia de graça, que passou pela vida, as mãos cheias de rosas, os pés dilacerados pelos espinhos.



JÃO VIDAL & Comp.

Moves estylo antigo, classico e moderno

Decorações — Lustres — Moveis de couro

TELEPHONE 595 Norte

OUVIDOR, 83 — Rio



AS NAIADES



Copacabana Palace Hotel - Chá Dansante -

A GRATIDÃO

Historia em seis cartas

Por Pedro Matta

1.º de Setembro de 1920.

Querido Henrique. — Estou num desses momentos verdadeiramente criticos dos quaes dependem o futuro e a vida de um homem. De hoje para amanhã tenho necessidade absoluta de resolver um assumpto que a Fatalidade me atirou em cima. Passei revista, mentalmente, a todos os meus conhecimentos e amizades, e adquiri a convicção de que és tu o unico que me pôdes salvar. Agradecer-te-ei querido Henrique, com toda a minha alma, a fineza de me manhares um conto de réis. Receio que nesta occasião uma tal somma possa significar para ti um sacrificio, mas pensa, da tua parte, que isso é para mim a salvação. Demais, é questão unicamente de uns dias. Dentro em pouco t'o devolverei.

Perdôa abusar assim da nossa amizade, mas as circumstancias a isso me chegam.

Conta sempre e sempre, com o eterno reconhecimento do teu incondicional e velho amigo. — Paschoal.

3 de Setembro de 1920.

Não encontro, carissimo Henrique, palavras com que te agradecer o immenso favor que me fizeste e que jamais esquecerei. Dus te pague! Graças a ti pude resolver o mais grave conflicto da minha vida. Agradeço-te duplamente porque me consta que tu, como todos os que vivemos exclusiva-

mente do trabalho, andas mais abonado de coração que de dinheiro.

Permitte-me que junte a esta carta a declaração da divida. Quanto mais amigos, mais franqueza e mais seriedade. Breve liquidaremos isto. Como te disse na minha Deus te pague! Graças a ti pude resolver o tempo imprescindivel de se resolverem os meus assumptos.

Estima-te e abraça-te o teu incondicional e agradecido amigo. — Paschoal.

3 de Janeiro de 1921.

Querido Henrique. — Não tinhas necessidade de me escrever. Se até agora não te mandei o dinheiro que me emprestaste, bem sabe Deus que não foi por falta de vontade nem de memoria. Peço-te que tenhas um pouco de paciencia. Lembra-te que, quando me vi obrigado a pedir-te esse conto de réis, te avisei de antemão que não te poderia pagar antes de se resolverem uns assumptos que tinha entre mãos, uma questão unicamente de alguns mezes.

Podes ter a certeza de que estou desejando liquidar contigo quanto antes.

Sempre teu — Paschoal.

18 de Agosto de 1921.

Meu querido amigo. — Recebi a tua carta. Compreendendo perfeitamente a tua

situação, mas, que diabo!, deves tambem comprehender a minha. Dizes que te custa muito t'eres de me reclamar o conto de réis. Pois olha, a mim não me custa menos receber a tua reclamação. Mas que queres? Se não te paguei já, é simplesmente por não ter podido.

Teu muito amigo — Paschoal.

20 de Março de 1922.

Duas palavras apenas para responder á tua carta que acabo de receber e me causou bastante estranheza. Nunca pude suppor que, pelo facto de te dever um favor, te julgassem autorizado a duvidar da minha seriedade na forma em que o fazes e que, sinceramente, me desgosta. Eu suppunha que uma amizade como a nossa estivesse acima dessas insignificancias materiaes. Lamento haver-me enganado.

Acredita que estou desejando terminar este assumpto verdadeiramente aborrecido.

Paschoal.

4 de Novembro de 1922.

Junto remetto o conto de réis. Faze o favor de entregar o recibo ao portador e não tornes a lembrar-te do santo do meu nome.

Esta lição ha de me aproveitar. — Paschoal.

No mundo artístico

A arte na Photographia

NENHUM ambiente se presta melhor do que o nosso á photographia artistica. De par com uma natureza maravilhosa, em que os crepuseulos são de um effeito surprehendente, as manhãs formosas, as tardes coroadas de sol, como uma grande orgia de luz, temos uma variedade infinita de typos e costumes a explorar. Ainda ha pouco, dous illustres pintores, um nacional, a sra. Georgina Barbosa Vianna, outro estrangeiro, russo, o príncipe de Gagarin, deram-nos atravez de quadros magníficos, de um colorido inedite, impressões deliciosas de certos logares rusticos do velho Pernambuco colonial, que hoje agonisa á furia iconoclastica do camartello civilisador. Georgina ainda nos deu copias interessantes de um curioso aspecto da vida urbana carioca: a feira-livre.

Esse nobre exemplo cheio de belleza bem que poderia ser imitado pelos nossos photographos, os quaes, para tanto, dispõem de maior aparelhamento e de maiores facilidades do que qualquer pintor, por mais habil que elle seja. Reproduzir esses flagrantes da nossa existencia "jour-à-jour", que só nos passa despercebida porque não lhe ligamos importancia; traduzir a physionomia sempre inquieta e sempre nova das nossas capitães, villas e logarejos; animar com a objectiva os typos da terra, tão graciosos na sua simplicidade ingenua e rude — eis ahí o que lhes incumbe fazer. E não peçam que para o desempenho dessa patriótica tarefa se queira demasia de esforços. Não, senhores. A meia hora de distancia do centro, o artista encontrará, no Rio de Janeiro, motivos numerosissimos de inspiração. Bastará uma pequena "tourné" pelos nossos suburbios, que, tendo tido já o seu romancista fiel no atormentado Lima Barreto, andam, agora, á procura de um pintor ou de um photographo que lhes fixe para sempre, em obras immortaes, a vida característica e inconfundivel de pequeninas cidadellas pobres. Cada um dos nossos bairros tem o seu feitiço proprio, original. Por que, então, não havemos de retratalos? Mais tarde, os nossos netos nos agradecerão esse immenso e piedoso serviço. Quanto aos typos, como já dissemos, a variedade, sobre ser infinita, é pittoresca. O nosso homem de Santa Cruz, por exemplo, differe completamente do de Botafogo, analfabeto embora, como elle, e como elle negro, ou mestiço. E o "bamba" de Gambôa, de que Di Cavalcanti nos fez uma prodigiosa caricatura?

A proposito de Di Cavalcanti: os trabalhos de estylisação desse esplendido artista não poderiam servir de base para um estudo consciencioso do nosso meio? O cordão em que faz dançar na tela toda uma farandula carnavalesca, com as suas Salomé creoulas de seios bamboleantes, os seus estandartes vermelhos, gritando ao sol, é uma obra-prima no genero e um indicio seguro de que, si o quizermos tudo faremos no sentido que apontamos. Elementos não nos faltam. Nem intelligencia.



NA INCERTEZA



PARA O "FOOTING"



Cuidados de uma mamã...

(Clichês gentilmente cedidos pela "Kodak Brasileira Limitada")



Profecção de fé

(INÉDITO)

*Voitas! Cantam os sões no espaço. O ninho antigo
tem delirios de festa e exaltações de prece.
A minh alma, afinal, encontra-se comsigo
mesma e, a cantar, aberta em cèo, se reconhece!*

*Voitas! Muda-se em goso o meu fundo castigo!
Vejo a seára fatal das noites feita em mèsse
de auroras! E a Tristeza, abandonando o abrigo,
parte, num gesto fiel de quem parte e se esquece.*

*E tu chegas, com todo o amor echoante e fundo
que ha no espaço, a rolar, que deslumbra e que aterra
e nem sabes, talvez, que de glorias me innundo*

*e que beijo esse cèo e que, ao sol que elle encerra,
teu amor para mim vale a quèda do mundo,
vale mais que o declinio e a destruição da terra!*

WENCESLAU BRANDÃO.



Mobiliário e decorações

Quando entramos em uma casa, a cuja instalação presidiu o mais aperfeiçoado gosto, não é a magnificência de seus moveis, a grandeza de seus quadros, a riqueza de suas baixellas, os custosos tapôtes que possui ou as lindas estatuetas que a ornamentam que impressionam o nosso espirito, mas sim a harmonia de conjunto e sobretudo a simplicidade.

Não devemos ter os aposentos atulhados de *bric-a-brac*, dificultando a passagem e sujeitando, muitas vezes, quem nos visita, ao dissabor de por um descuido quebrar qualquer objecto collocado em lugar improprio.

Deve-se ter, pois, pouco, mas bom e disposto tudo com elegancia, afim de não dar ao visitante a idéa de um estabelecimento commercial.

DE LONGE



— Ora, isso da senhora ser casada não tem importancia. Se casamento é uma loteria, como dizem, e eu perdi a sorte grande, não quer isso dizer que eu não tenha direito a... uma "aproximação"?

O DOM DAS LAGRIMAS

Nasceu, um dia, um príncipe. Era o primogenito, e a rainha, querendo forçar o Destino, com seus anhelos de mãe, deu-lhe o nome de Feliz.

Como este caso se deu em longínquo reino e em remotos tempos, quasi uma e outra coisa tocando em fabula, não é demais dizer que todas as fadas dos arredores se apresentaram no palacio real. A maioria cavalgava hyppogrifos e dragões, mas não faltou quem viesse em carro de flôres, puxado a candidas pombas. A fada mais moça de todas, a mais inexperta, chegou modestamente montada num raio de lua.

A rainha é que recebia as visitantes, antigas conhecidas suas, e ellas iam deixando, no berço do menino, dons e mais dons:

— Serás formoso!

— Serás valente!

— Serás amado!

— Saberás vencer!

— Saberás rir!

— Saberás chorar! começou a dizer a Fada das Lagrimas, a ultima no desfile, e que, de pé junto ao berço, se dispunha a derramar nos olhos do príncipe o conteúdo de mysteriosa amphora.

A rainha, porém, collocou-se entre a fada e o príncipe.

Chorar o seu filho? O seu príncipe, o príncipe Feliz? Não! Não podia ser! E pediu, rogou, gemeu! Que todas as lagrimas destinadas ao filho caissem sobre o seu coração de mãe! Que todas brotassem de seus olhos e lhe emmurcheassem as faces! O príncipe não devia conhecer o pranto.

A fada, como mulher e como immortal, orgulhosa duas vezes portanto, levou á conta de pouco apreço a petição, e de malicia a ignorancia. Subiu no seu carro irisado, tirado por morcegos, e marchou pelos ares fóra, atropelando nuvens numa carreira desatinada. Antes, porém, de partir, lançou para o príncipe, á maneira de maldição, estas palavras:

— Não saberás chorar!

A rainha abraçou o filho contentissima!... Soubera preservá-lo das lagrimas!

Mas... Não o havia livrado da dôr. Mortal, ainda que príncipe, soffreu como todos os mortaes, e era de vêr então, no seu rosto infantil, como, sem chorar, elle soffria! Foi então que a rainha se apercebeu de que a dôr sem lagrimas é duas vezes dôr.

Passaram annos. O príncipe fez-se moço e gentil. Como haviam prognosticado as fadas suas madrinhas egregias, sabia vencer, sabia rir. Aprendeu a gozar e adivinhou que a quintessencia do prazer era a lagrima do gozo, mas sentiu, soffreu a pena amarga de não poder chorar e não chorava.

Está ahí como por não possuir aquillo que se convencionou chamar symbolo de desventuras, veiu o príncipe Feliz a ser o mais infeliz dos príncipes!

* * *

Passeava um dia, ao entardecer, pelos jardins do palacio, e no mais intricado labyrintho deu com um soldado de rude corpo e maicial aspecto. Contemplava uma madeixa de cabello de ouro e, ao contemplá-lo, ternas lagrimas lhe trotavam dos olhos.

Complete a vossa felicidade !

Não installeis a vossa residencia sem visitar as nossas Grandes e permanentes Exposições

MOBILIARIOS E TAPEÇARIAS

onde encontrareis coordenados o bom gosto, distincção e originalidade

ASA UNES

65 - RUA DA CARIOCA - 67 - RIO



O príncipe não pôde mais. Abandonou a côrte para correr mando por inveja desse homem que chorava de amor!

— Por alguma parte hão de estar as lagrimas espargidas por nossa Mãe Natureza! pensava o príncipe.

Lagrimas gigantes e amargas parecem as ondas do mar, lagrimas de penas; lagrimas crystalinas e risonhas as gottas de rocio que a madrugada verte sobre cumes e valles, lagrimas de alegria; lagrimas melancolicas as folhas que o outomno rranca das frondas, lagrimas de oiro, lagrimas talvez de amor...

E cheio de inveja de tudo isso, sulcava mares, transpunha cumes, percorria valles e contemplava frondas, sem achar nunca o suspirado allivio das proprias lagrimas.

Voltou á côrte. A rainha, quasi morta de angustia, pediu com pregões publicos remedio para o mal do filho. Quem conhecia o meio de fazer chorar o príncipe?

Não se sabe de onde, de que antros, chegou uma velhinha curvada já.

— Tenho cem annos, disse, e sei como desarmar a cólera da Fada das Lagrimas. E' preciso que uma mulher formosa, e alheia ao príncipe, arroste mil perigos indo sósinha ao palacio da immortal implorar seu perdão.

Repetiram-se os pregões, e uma menina loura appareceu na côrte:

— Irei eu!

Ao offerecer-se, ria com os labios, com os olhos, com a fronte, como se toda a alegria da terra houvesse feito ninho em seu coração!

— Que Deus te abençõe! disse a rainha ao vê-la partir.

— Que voltes depressa! disse o príncipe Feliz, enamorado subitamente da mocinha...

Voltou. E a côrte vestiu-se de galas para a receber. Modesta e alegre, contou as peripecias da viagem: os abysmos que salvára, os dragões que vencêra.

— Mas, aqui tendes, senhor, o Dom das Lagrimas que tanto desejaveis.

Depoz nas mãos do príncipe primorosa e diminuta amphora.

— Está aqui encerrada a essencia de todas as lagrimas que tendes querido chorar. Chorareis, senhor, pela vez primeira, no dia em que, sem querer partirdes a amphora que a guarda.

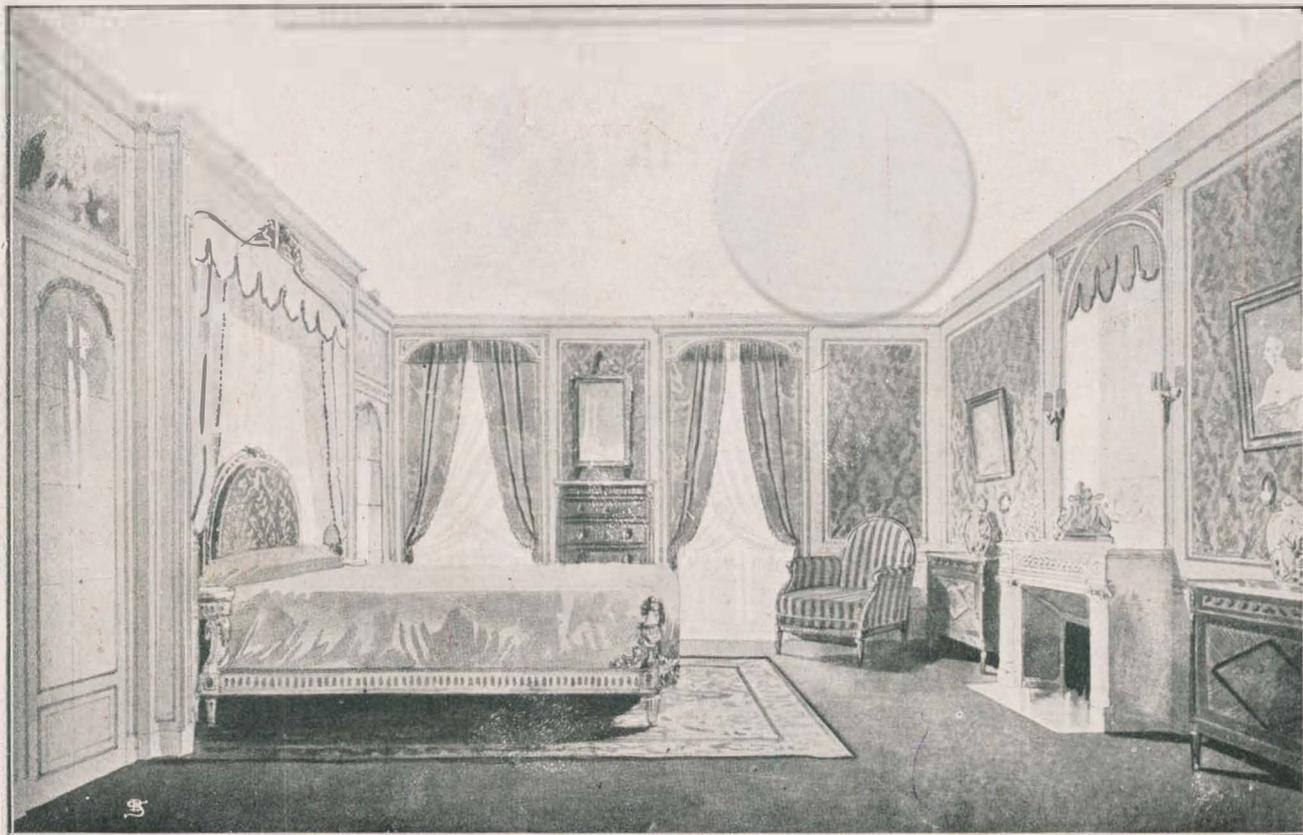
— E que pedes tu em premio? perguntou o príncipe, sonhando em collocar sua corôa nas lours madeixas da menina.

— Nada, senhor! Só a compaixão moveu o meu desejo de vos fazer feliz. Quanto a mim, sou-o tanto que nem todo o vosso poder faria diminuir a minha felicidade, replicou, fazendo de seus olhos um raio de amor.

O príncipe seguiu esse olhar e achou-o nos ares cruzando-se num beijo com o daquelle soldado que elle vira, numa tarde, chorar de ternura nos jardins reaes.

Enciumou-se o príncipe e crispou de despeito as mãos, deixando que a amphora lhe caisse e se quebrasse.

Então, deante de toda a côrte que celebrava a sua ventura sem par, o príncipe Feliz chorou as primeiras lagrimas, muito mais tristes que as suas passadas tristezas...



QUARTO DE DORMIR

Os nossos colaboradores

MANOEL MENDES

O fino autor dos "Paynéis Barbaros", que hoje inicia sua colaboração em nossas paginas, é um dos nossos mais nervosos e sensibillissimos escriptores.

Sua feição "baudelaireana" e "pôesca" comprazendo-se em pintar quadros de horror, tem ás vezes surtos originaes e poeticos; ora é o escarpellador nevrosado, anormal, exótico; ora é artista menos material, —sonhador, quasi poeta; ora é o pintor regional, observador do sertão e do sertanejo.

Tres feições diferentes, tres temperamentos, tres "maneiras"; e, em qualquer dellas, Manoel Méndez persiste sempre, e acima de tudo, o fino artista de multifórme talento, artista que irá consagrar-se definitivamente com o seu proximo livro "A Verdade das Mascaras".

AS CREADAS DE HOJE

A guerra tornou impossivel uma profissão : a de creada. Uma excellente rapariga é, hoje, um bicho raro, um verdadeiro melro branco das donas de casa.

Dentro do genero ha especies nas quaes se chegou ao cumulo do que poderiamos chamar, emphaticamente, "a dignificação e a emancipação" da classe. Exemplo disso são as creadas das artistas.

A proposito, um jornal francez conta a seguinte anecdota :

A formosa artista Ivonne Chazel, depois de ter procurado, durante varios mezes, uma creada de servir, encontrou, finalmente, uma que lhe pareceu uma perola rara, um ideal difficil de ser alcançado : jovem, amavel, nada exigente, uma joia, em summa.

Certa manhã, a campainha do telephone tilintou com insistencia. A senhorita Chazel precipitou-se sobre o aparelho. Mas já a creadinha lhe havia tomado a frente e, com o receptor na mão, lhe dizia, num sorriso :

Si fôr commigo, mademoiselle, faça-me o favor de responder que não estou em casa...

Ivonne Chazel, termina o jornalista, ainda não voltou a si do assombro que lhe lhe causou a interessante "sahida" da excellente rapariga.

Conselhos a uma esposa

Depois de um proveitoso trabalho, descansa. Mas nas doces horas de repouso, reflecte, fazendo um balanço do trabalho realizado.

Nenhum caminho te é vedado, planos ou escabrosos, sementeos de flores ou cobertos de espinhos. Mas, repara attentamente aonde elles conduzem, porque um passo em falso pode mudar o destino da tua vida.

O matrimonio é a união de dois corações, a associação do homem com a mulher na luta pela vida. E' dar metade da alma e receber a metade de uma outra. Se essas duas metades, a que se vos entrega e a que daes, não se adaptam bem uma á outra, ficam duas almas incompletas, que é como quem diz o inferno.

Se se ligam é o paraíso.

Ama o amigo e respeita o inimigo. Aprenderás, assim, a amar a Familia, a Patria e a Humanidade, merecendo o respeito de todos.



EXPOSIÇÕES...

A VICTORIA DO "JAZZ"



O meu amigo estava, essa tarde, absolutamente perante e dogmatico.

Sentou-se ao meu lado. Cruzou as pernas. E, levantando os lábios o lenço de cambraia, desabafou com tedio:

— E estamos reduzidos a isso! Morreu a Elegancia! Morreu a Galanteria! Morreram as Boas Manieras! E como é desagradavel pensar-se que essas cousas amáveis mor-

reram burguezmente, sem a elegancia tragica de uma ampolia fatal entre os "reps" verdes de um salão de inverno! Succumbiram alli á esquina, aos golpes do guarda-chuva immenso do Burocrata e do bengalão pavoroso do Commereciante!

A Galanteria, aquella marquezinha empoida, ao descer de um quadro de Wattean, cahiu sob o tacape do "almofadinha", taca-pe estylisado, em fórma de bengala de voota, e foi lynchada por elle e pelo seu calão desgraçoso e sordido. Porque — não sei se Você já reparou — o Brummel indigena, assoprando piadinhas inconvenientes ás pequenas que passam, tem sempre na consciencia a convicção sincera de que está desbançando Wilde ou Marivaux! E' um sêr absolutamente inverosimel. Ouvin falar em Aleebiades, em Petronio, em Brummel, em Calet Russe, em Morny, em Fouquières, mas fica numa atrapalhação lamentavel quando quer ser gentil com as mulheres! Lembra-se de Brummel mas faz lembrar Tom Mix; pensa em Wilde mas parece-se com Harold Lloyd! Tem, na theoria, todas as subtilzas e elegancias de Cadet-Russe mas na pratica é desastrado e mono como Douglas Fairbanks! E' que o rapaz está impregnado de americanismo, do medonho americanismo da roupa feita, do collarinho molle, do "box" e do "bungalow"! O meu amigo estava plethorico, transbordante, quasi inconveniente. E proseguiu:

— Você já passou pela rua Direita ás seis da tarde? Que desolação! Cinco annos depois da guerra e ainda ha mocinhos ingeniosos que se espremem em sobretudos de cinto, que carregam aneis do Sloper, que funam em boquilhas de celluloides... Essa gente acredita ainda na supremacia da Broadway e, como ignora a existencia de um Cloths e de seus linhos, entala-se em camisas de seda... O espirito dos pequenos de hoje está resumido nisto: camisa de seda!

Ergueuse e, quebrando a cinza clara do "Khe liva", continua:

— Ai de nós! Estamos vencidos como Brenno. Vencidos pela avalanche escura de gazolina, carvão de coke, luva de "box" trombone de vara, "fox-trot", que sei mais? O Espirito não entra mais nas nossas reuniões; fica á porta como o Lazaro biblico! Um chá no "Mappin", onde os "almofadinhas", pontificam, de cathedra, ou uma noite no "Scala", são pretextos magnificos para a apologia da divina Futilidade. Os meninos do "set", bem penteadinhos, de cabelo escorrido pregado ao craneo,

ageitando a gravata ao espelho, ageitando o lenço do "veston", ageitando os punhos, ageitando o friso das calças e, todos elles, positiva e integralmente desageitados, fazendo, com gra-

vidade, a biographia de Ramon Navarro ou então (ah! la Palisse!) arriscando paradoxos de uma impermeabilidade cornea e desconcertante...

E o meu amigo, Jeremias egresso da Biblia e renovado na Hanover Square, lamentava-se, desconsoladamente sobre essas miserias tristes. Eu sorria.

— Enfim, talvez elles tenham razão.

E culpado é o dollar. Este villissimo metal anda pervertendo o mundo e impoddenos as coisas mais inverosimeis e deselegantes. Você sabe dançar o "shimmy"?

— Regularmente...

— Que horror! E o "fox-trot"? Você nunca se olhou ao espelho quando dansa o "fox-trot"? Ah! Denses do Olympo! Que creações deselegantes! E esse vehiculo indefinível e cambaleante a que Vocês chamam "peixe frito"? E essa coisa chata e

carnavalesca que acóde ao nome de "bungalow"! Ergueuse com vagar. Suspiroa com tedio.

Pobre Galanteria! Um galante indigena que se atreve a um timilo maltrigal á morena que passa é catrafilado por um agente e posto a ferros como um sêr pernicioso e obsceno... E' que o "almofadinha" não sabe lêr. Conheço Wilde de ouvido e só fala em calão! E um galanteio dello é hallucinante! Entretanto, não deviam prendel-o: bastava mandarem-no á escola... E foi por todas essas razões consideraveis e ponderosas que eu arrisquei esta equação social: "o almofadinha está para o gentleman, assim como o bungalow está para o palacete".

E vejo por sua expressão de pavôr que eu estou hoje loquaz e perverso. A culpa é de um livro que acabei de lêr, de um cytharedo de Piritiba, futurista e pelintra, que berron, em verso, esta coisa atrôz:

'Gloria a ti, Gazolina! E a ti, Cinematographo!
Evolê seculo vinte!
America for ever! A Mulher é um pantographo!"

E os jornaes garantem-nos gravemente que o mocinho autor dessas interjeições é "um dos mais bellos talentos da moderna geração" e um dos "mais finos "causeurs" dos nossos salões!"

E eu, então, lembro-me de Omar Khayam, aquelle remóto sonhador de Naishapur, a dizer com aquelle tedio e aquella bondade indiana: "O mundo é um taboleiro de xadrez, feito de noites e dias, onde o destino joga com os homens: móve-os daqui para alli, dá chèque-mate e, uma a uma, as figuras vão cahindo na caixa."

Pois quando penso na victoria do "jazz" — jazz-band, jazz-poesia, jazz-elegancia, jazz-galanteria, palavra que desercio do destino e tenho ganas irresistiveis de "cahir na caixa!"

S Paulo.

B. B. B.



POR D. JUAN

DE todos os heroes do amor, immortalizados pela lenda, D. Juan é o que inspira mais sympathia aos moços e mais benevolencia aos velhos. As suas aventuras românticas, ao mesmo tempo sublimes e terríveis, enchem ainda de languido encantamento o coração perturbado dos homens, que o admiram na sua desenvoltura e na sua audacia como aos deuses amáveis do Olympo os pagãos da Grecia radiosa. O crevido D. Juan, libertino e devasso, é assim para nós, "blasés" do seculo XX, o mesmo trefego espalachim, volúvel e inconstante, que ha trezentos annos vem espalhando pela terra o perfume maligno da sua seducção.

Cantaram-n'o os poetas, celebraram-n'o os musicos, glorificaram-n'o os pintores. E a cada hora que passa um hymno de louvores se ergue para o alto, em honra do demonio louro, cujo altar era uma promessa e um desafio e cuja bocca só continha o beijo envenenado da mentira. Em vão seus inimigos e seus detractores procuraram desfazer o brilho dourado do seu simbolo.

O clamor das vozes barbaras não encontram eco nas almas embriagadas pela volupia de inferno, que palpita a'ê nas altitudes menos nobres e nas palarras menos subtis do filho ardente de Hespanha. Egoista, cobarde ou deshonesto, elle será sempre, na nossa imaginação, o cavalleiro da galanteria e da bravura, andando terras e desfolhando amores, na ancia quem sabe? de penetrar os segredos que a maldade divina trancou na ancia—quem sabe? D. Juan tem o dom magico da fascinação, exclusivo daquelles que não

ignoram onde as fontes de mansidão e os thesouros de bondade que nós, bichos imundos, trazemos escondidos para que não n'os roubem. A sua historia estranha ainda accorda nas memoias "frissons" de enthusiasmo. Symbolo do amor incontentado, do amor maior do que a terra, do que o mar, do que o infinito, o gentilhomem castelhano traduz nos seus gestos de ternura ou de odio, de desejo ou de vingança, de pureza ou de ambição, a physionomia moral dos amantes de todas as epochas: frivolos ou ridiculos, insinceros ou grotescos, hypocritas ou comicos. O amor que não morre é uma utopia que elle, conhecedor profundo das mulheres, desmentiu com o desputador dos seus beijos traiçoeiros e o gume de sua espada valente. Foi porventura máo? Foi perfido? Não, foi artista, o mais humano e delicioso dos artistas, pois soube conservar o seu coração sempre joven e o seu amor sempre arrebatado. Como todas as almas verdadeiramente santas, que só têm ao mundo para illuminar a nossa desolada existencia com o aroma da sua graça, D. Juan, príncipe e encantador, amou sem violencia, antes com elegante brancura, e de tal modo que as suas ephemerias paixões ainda hoje nos commovem e enternecem. Elle teve pelas mulheres o mesmo culto supersticioso dos egypcios pelo boi da frente estrelada. Eram a sua loucura, o seu consolo, o seu sol. Perdida uma, para que a chorar funebremente, perturbando talvez o silencio da sua noite? Outra, sim! outra, para que a sua alma

não se gastasse ao contacto vil das podridões terrenas. Teria salvo, pelo menos, a fortuna mais preciosa que os deos lhe tinham concedido: a moiedade do coração. Mas D. Juan era sensivel e piedoso e pensava das mulheres o que todos pensamos: que a ellas devemos tudo o que está ao alcance da nossa gula insaciavel: desde o peccado até á guerra, essa homenagem de respeito dos bipedes ao aré maraco. Não fossem as mulheres — a sua volupia, a sua candura, a sua subtil penetração da natureza mysteriosa das cousas — e nós seriamos uns pobres diabos sem o genio fertil do maravilhoso Satanaz, errando ao léo dos destinos e á mercê das forças desconhecidas, vasos de idéas, vasos de sentimentos, vasos de emoções. Foi Eva quem nos deu o gosto amargo da vida e são as Evas que alimentam, ate hoje, o fogo sagrado accendido pelo primeiro Adão. Ora, si as mulheres são a propria imagem

animada do contraste, por que motivo o amor, que foi por ellas inventado, não reflectirá o seu temperamento, movedigo como os castellos d'arcia nas praias brancas? A philosophia de D. Juan pode ser mais cynica do que a do cynico Balthazar, para quem as cortezãs eram mercadorias e o amor um negocio optimo de explorar... Ninguem de senso, porem, lhe negará um fundo logico, que qualquer intelligencia rustica reconhecerá logo á primeira vista.

Dahi a minha amargura, a minha profunda amargura, ao ler os versos fortes e sonoros que Edmond Rostand escreveu para condemnar o meu heroe. Rostand foi por muito tempo o mestre do preciosismo na poesia e no theatro: era um desses homens cuja linguagem é doce mas enganosa e cujas idéas são brilhantes mas frageis. "Les Romanesques", "La princesse lointaine", "La Samaritaine", podem revelar harmonias ineditas e sensações esplendidas: não tocam, porem, o coração. Cedo, felizmente o poeta comprehendu o seu

erro. O mundo moral passou a preoccupalo e já no "Chantecler", de par com a jornaosura das imagens e a riqueza do colorido, se nota os fructos das suas longas e tranquillias horas de meditação e de recolhimento. Os homens alli apparecem, transformados em irrationaes, com todos os seus ridiculos e as suas "coecasseries".

Na "Ultima noite de D. Juan", poema dramatico em dous actos, publicado pela "Illustração Franceza", e a primeira obra posthuma do magnifico rhapsodo, que a começou a escrever pouco antes da guerra, para o theatro da Porte-Saint-Martin, observa-se as mesmas tendencias e o mesmo objectivo louvavel. Eu tenho por Edmond Rostand a admiração ingenua — por que não dizer innocente? — que me inspiram todos os cabotinos geniaes. As suas ultimas rimas soam aos meus ouvidos com um som tão poderoso e extranho, que pareciam arrancadas ao peito para o milagre das transfigurações. Os seus proprios defeitos desvendaram-me um mundo de paesagens que nunca tinham sonhado ver meus pobres olhos acostumados a contemplação dos aspectos banaes.

Rostand escarpella com crueldade o amoroso de Sevilla e de Veneza. Para elle, D. Juan não passou de um reles typo de conquistador, a quem as mulheres só interessavam pela carne. Nega-



A Bailarina

HISTORIA DE UMA FLOR

Nascimento

Abriram-se-me docemente as petalas de uma suavidade de

seda, numa tarde aprazível da estação ridente, na hora ineffavei do crepusculo, tão propicia para as divagações e sonhos ethereos...

Lá longe, no horizonte, o divino astro agonizava entre uma corôa de fogo, mas antes da sua extincção total enviou-me um osculo, um osculo tibio em forma de um debil e ultimo raio, em que vinham envoltas todas as energias de que lhe era dado dispôr nesses instantes de agonia. Toda eu estremei ao contacto desse beijo, desprendendo-se de mim todo o perfume que havia de me caracterizar, e nas azas do vento voou para o gigante moribundo.

Impressão

Ao redor de mim, constituindo um conjunto maravilhoso, outras se foram abrindo magestosamente, ao impulso do zephyro, embalsamando o ambiente com as suas emanações subteis... Só, isolada no meu canto, junto a uma parede coberta de trepadeiras e a um banco de pedra, um tanto afastada das minhas orguihosas companheiras, experimentei a impressão de que a vida era triste, muito triste, aquellas flores todas a olharem-me com desdem, só porque a brisa me embalava carinhosamente, dizendo-me que eu era a mais formosa.

III

Noite

Depressa a rainha noite chegou a occupar o throno vago pela retirada do dia, e uma absoluta obscuridade cobriu o canteiro onde eu nascêra. Pensei então que talvez a minha belleza, a minha alvura e o meu perfume fossem a causa do aborrecimento com que as minhas companheiras me recebiam logo á minha entrada na vida.

Subito n'appareceu no céu, radiante de formosura, escoltada por um exercito de estrellas lindas, a deslisar magestosa, a lua, a perenne viajante desse illimitado Sahara que se chama firmamento, limpido essa noite como reluzente espelho.

A vagalunda incansavel dessas solidões onde mora Deus, percebeu-me desde lá de cima e, mais bondosa que as minhas companheiras, enviou-me como sandação um raio de prata que me envolveu docemente, até a deusa desaparecer nos confins do horizonte...

IV

Ella e ella

Um novo dia veiu, e uma nova noite.

Estava Astarté no zenith quando, quebrando o augusto silencio do vergel, o rumor de uns passos miudinhos e compassados se fez ouvir, e appareceu deante de mim, mais formosa ainda que a minha formosura, mais branca ainda que a propria lua, uma joven de melancolica figura e triste semblante. Sentou-se no banco de pedra, ali ao pé, a poz-se a pensar em voz alta. Fiquei sabendo que padecia do mal do amor. Um rapaz lhe fizera tal impressão que ella não podia conciliar o somno sem descer ao jardim a evocar, entre nós, a figura bizarra do seu amado. Depois, chorou. E foi tão doloroso o seu pranto que commoveu minhas fibras, e uma gota de rocio correu por uma das minhas petalas, titilou na sua extremidade e deixou-se cair na perfumada e abundante cabelleira da menina.

Por fim serenou. E murmurando o nome do que lhe roubava

o socego, andando pelo caminho branco que até ao banco de pedra conduzia, acariciando ao passar, com os seus dedos de nacar, as minhas felizes companheiras foi se afastando, afastando...

Depois ainda de se haver diluido a sua silhueta na penumbra, vilrava no ar, junto a mim, a romanza melancolica que os seus labios modularam.

Na noite seguinte ella voltou, raliante, ditosa, mirifica como nunca. Acompanhava-a o bem amado. Sentaram-se no banco, deante de mim.

Ella com as tranças pendendo para ambos os lados do peito, raborizada, olhos baixos ouvia a musica divina representada no que o rapaz dizia. Elle, falava, falava...

Subito, o estalido de um beijo, interminavel, fez-me estremecer na rama, e a lua, a casta lua, occultou-se vergonhada por de trás de uma nuvem... Tarde da noite, elle collou-me de um só golpe, e, roçando-me as petalas com a boca ardente, onde ficára impressa a dulçura dos labios della, offerendou-me á amada que, beijando-me, por sua vez, me occultou no seio alabastrino, temeroso, virgem, calido como um ninho...

V

Agonia

Em breve me faltou o ar naquelle deliciosa prisao e as petalas dobraram-se-me. — Começava a minha agonia... Chegada que a moça foi em casa, botou-me em bonita jarra de côr, com agua, e levou-me para a sua mesa de cabeceira. Tirou depois os vestidos e meteu-se na cama...

Pousada a aurea cabeça no travesseiro, contemplou-me por um instante, cheio o seu rosto de anjo de "um não sei quê", enviou-me um beijo com a ponta dos dedos como se eu fôra o seu bem amado, cerrou docemente as palpebras e ficou adormecida...

Na jarra em que me afogava, para ali fiquei a curtir saudades do canteiro onde, tres dias antes, havia nascido. A nostalgia foi-me invadindo e as petalas, primeiro, depois a haste, foram-se curvando, dobrando.

Amanheceu... Abriram-se de par em par as portas do Oriente a dar passagem ao astro rei que voltava. Contavam os passarinhos, e seu trinado duplicou minha mágoa, trazendo-me á lembrança o meu canteiro, junto á parede das trepadeiras e do banco de pedra... passaram-se as horas e a joven continuava dormindo com um sorriso na sua carinha de anjo, os cabellos de oiro disseminados pela almofada...

E passaram outras horas, sem que ella despertasse... De tarde chegou elle, ansioso de ver a sua bella, e para a prevenir da sua presença jogou uma pedrazinha, que bateu no vidro da janella...

Mas, a menina continuava adormecida!

Quando a levaram para o campo santo do logar, o moço, que me conservava na mão, a intervallos, chorando dolorosamente, erguia-me até ao coração e quasi me asphixiava apertando-me contra elle... Depois imprimia nas minhas petalas, já quasi murchas, um dos tantos beijos que não poderia dar na amada, e ao contacto da sua boca eu reanimava-me, voltava á vida. Era, porém, reacção transitoria! Depressa tornava a minha agonia, apertada na mão do malhadado noivo!

Hoje, secca mas intacta, aquella rapaz, caduco já, conserva-me ainda entre umas paginas da Biblia Sagrada como unica recordação do breve, unico e involvidavel amor dos seus annos verdes, de quando era adolescente...

Quando volta do campo santo, onde vae todas as tardes fazer oração, vem até mim, beija-me e regame com as suas lagrimas.

Possuir um predio!

Quem nos tempos de hoje possui uma casa, é rico...

Alguem haverá que não queira possuir a sua?

A **Companhia Brasileira de Immoveis e Construções** facilita esse ideal, permitindo a aquisição de predios mediante o pagamento de prestações mensaes equivalentes ao aluguel!

Construi o vosso predio!

Uma vez pago o terreno, tambem em prestações, o edificio vos será entregue, cuidadosamente acabado, sem joia inicial alguma e passareis então a pagal-o em prestações mensaes sem sobrecargas de orçamento visto com elle substituir o aluguel que pagaveis.

Terrenos nos pontos mais amenos e saudavéis da cidade.

Dirigi-vos sem demora á



Predio construido á Rua Grajahú n. 216 — ANDARAHY

COMPANHIA BRASILEIRA DE IMMOVEIS E CONSTRUCCÕES

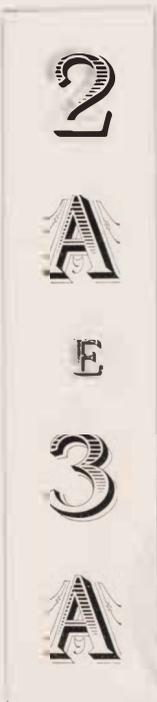
Av. Rio Branco n.º 48 - Rio

CAPITAL 6.000:000\$000

NO FLAMENGO



BANHO MATINAL



No quarto 2 A, da Pensão Egbert, morava o sr. Reginaldo Harris e, no 3 A, a senhorita Mildred Davies. O hospede do 2 A era joven, nada antipathico, e a do 3 A era joven e mais do que sympathica. 2 A era funcionario publico, e 3 A trabalhava num escriptorio commercial, no centro, e ambos estavam sósninhos em Londres.

O resto da historia devia seguir por si, como, por exemplo, os vagões seguem uma locomotiva, e por dois motivos:

Primeiro — 3 A era excessivamente digna e convencional, um pouco tímida, tratando-se de uma mulher.

Segundo — 2 A era moderadamente digno, diversamente convencional — como convém a um funcionario publico — e excessivamente tímido tratando-se de um homem.

Por isso, quando chegou a epoca das festas do Natal e do Anno Bom, os dois não tinham travado ainda conhecimento apezar de Mildred habitar a pensão ha tres mezes e Reginaldo ha dois.

Quem os visse cruzarem-se na escada juraria, até, que nem de vista se conheciam, quando, afinal, elles se conheciam bem e com certa admiração um pelo outro. Desviavam sempre o olhar, para o lado, quando se encontravam.

2 A approvava ardentemente os sapatos de salto alto que 3 A usava e gostava, tambem muito, de uma fita cor de rosa que ella trazia ao pescoço, das covinhas della, da face, e de tudo mais. 3 A gostava da forte estatura de 2 A, e do seu andar masculino, sem se importar com os oculos que lhe davam um aspecto de professor e assim por diante. Ella, habitualmente, cantava no banheiro, por cima do quarto delle, e elle, geralmente, tambem, cantava no banheiro por baixo do quarto della. O que elles cantavam era como que uma especie de vinculo de amizade entre os dois.

Elle pedia a Deus que ella, um dia, deixasse cair qualquer coisa que elle pudesse apanhar e... arcando depois com as consequencias. Ella, por sua vez, alimentava a esperanza de que elle, algum dia esbarrasse com ella, e saísse um "Desculpe" com as consequencias...

Mas semelhante coisa não acontecia nunca... Nem ella deixava cair qualquer coisa para elle apanhar e 3 A dizer "Agradecida", nem elle esbarrava nella para ter de dizer "Desculpe".

Não obstante, encontravam-se frequentemente... Era mesmo um exercicio videntissimo o que ambos faziam: elle, subin-

do ou descendo escadas todas as vezes que ella saia ou entrava, e ella a esforçar-se por sair e entrar, á hora que elle subia ou descia.

Eu receio que a gente da presente geração ache impossivel, ao ler esta historia, que um rapaz e uma rapariga, desejosos de se conhecerem, procedam com tantas delongas. Já no meu tempo, mesmo, isso era ridiculo. Mas o que eu asseguro é que ainda hoje existe, realmente, gente tímida, como esse 2 A e essa 3 A, e sempre existiu, apezar de não ter a pretensão de haver pertencido a essa especie! De qualquer maneira, isto é uma historia de gente acanhada, e se os travessos rapazes e as desavoltas raparigas de 1924 não acreditam na existencia dos meus personagens, só têm que fazer uma coisa de grande proveito e boa circumspecção:

E' não ler o resto que eu vou escrever, e ficarem a pensar como é que esta revista aceita contos deste genero.

Justamente antes do dia de Natal, 2 A recebeu um choque formidavel, um contratempo de todos os demonios. Tinha um serviço extraordinario, a fazer na repartição, na manhã do "Boxing Day". Ha muita gente por esse mundo a pensar que nas repartições publicas não se trabalha! Puro engano! Ha muito serviço feito, comquanto fóra melhor que uma grande parte delle ficasse por fazer...

2 A, já se deixa ver, resmungou, como todo funcionario publico que se préza, por aquella interferencia nas suas férias, que tão sagradas lhe pareciam, mas o serviço a fazer era das suas attribuições, e elle recusou o offercimento de um collega que se promptificava a trabalhar em seu lugar. Não senhor! Elle gostava de cumprir as suas obrigações, custasse o que custasse e, comquanto não recebesse a ordem muito satisfeito, resignou-se.

Fez, porém, uma coisa. Levou o trabalho para o fazer em casa. Solidão por solidão preferia a do seu quarto.

— Vou ser a unica viv'alma aqui dentro deste casarão! lamentou-se elle. E' de suppór que todos os outros moradores passem as férias fóra!

Enganava-se totalmente. Tam ficar dentro do casarão, como elle dizia, mais duas ou tres almas, e o mais interessante é que a encantadora 3 A era uma dellas. Saira realmente para ir passar as festas com uma sua irmã casada, mas o filhinho desta lem-

brara-se innocentemente de apanhar uma sa-rampada, e ella teve de vir embora de novo para a pensão. Os outros seus parentes viviam muito longe e ella, não muito satisfeita, tambem teve de se resignar a passar o Natal sósninha.

— Acho que vou ser a unica prisioneira desta desgraçada casa! queixou-se ella consigo propria.

Depois, vendo a mulher do encarregado, quando ella lhe veio trazer o almoço, abriu-se. Fez-lhe uma choradeira a respeito. Mas a sra. Smith disse-lhe que não, que ella estava enganada.

— Olhe! disse a boa mulher. O sr. e a sra. Evans esses ficam, como fica tambem o sr. Wilberforce, e é provavel que fique aquelle velhot* do 4 B. Desse, entretanto, ainda posso affirmar porque não diz nunca coisa nenhuma... É uma muma. Mas, o moço do 2 A, o que mora aqui por baixo e tem um gramophone — sabe? — esse, eu sei que fica... Tem um trabalho da reparação delle para acabar e não pôde sair da cidade. É uma pena... Mas, franqueza, não vejo, afinal como possa haver tristeza num lugar onde ha duas pessoas jovens... Digo eu cá isto, porque o vi ficar muito aborrecido.

— Não parece que elle esteja aborrecido, disse a senhorita 3 A. Esta manhã, ainda, esteve elle cantando no banheiro:

"Quem trilha
o caminho do Dever
não succumbe!"

— Ah!
— E outra coisa agora. A senhora disse que não sabe como possa haver tristeza num lugar onde ha duas pessoas jovens. Mas, se essas pessoas jovens de que fala nem ao menos se dão!

— Ah! Se ellas se quiserem conhecer, cedo se conhecerão, deixe estar! disse a sra. Smith.

Mas, se não ha ninguem para os apresentar... tornou 3 A.

Isso de apresentar, o que vem a ser? inquiriu a sra. Smith.

Como é que a senhora falou ao seu marido, pela primeira vez? retorquiu 3 A, accessentando:

Poram creados juntos?
— Não, senhora... Eu nunca vi semelhante cara até ao dia em que me falou.

— E como foi que elle falou? O que é que elle disse?

— Foi... Espere lá... Foi assim, disse a sra. Smith... Chegou-se perto de mim e falou muito delicadamente... que elle sempre foi muito delicado... E fez bem, falar com delicadeza... Chegou-se e disse: "Olá ó Emma!" Se não foi isto foi uma coisa parecida... Mas, foi sim... "Olá ó Emma!... Lembro-me bem, elle... Mas, desculpe... Já estou falando de mais e tenho que ir levar o almoço, já, ao 2 A, senão chega tarde."

E, saiu.
Quando chegou ao 2 A encontrou o hospede mais desanimado que no dia anterior. Foi pondo na mesa, os ovos, o presunto e o café.

Elle, então, falou:
— Passar o Natal sem um ente a quem falar!

— Não se amofine com isso! exclamou a boa sra. Smith. Ha almas aos milhares com quem "a gente" pôde falar, e se o senhor conserva a boca fechada é por que quer, é por sua culpa. E não pense que é o unico que está passando o Natal assim... Aquella moça que mora no 3 A está nas mesmas condições, la para casa de uma irmã, mas o sobrinho caiu com sarampo... Pobre menino! As crianças são assim... Ficam doentes sempre no momento mais improprio. Coitada! ficou muito triste...

— Por isso eu a ouvi cantar esta manhã, uma coisa qualquer a proposito. Pobre moça. Parece que a terra della fica muito longe daqui, e deve ser por isso que ella está triste.

— Triste! voltou a sra. Smith, mas não deve haver tristeza num lugar onde ha duas pessoas jovens.

— Mas se se der o caso desses dois jovens não se conhecerem? protestou 2 A.

— Um rapaz novo devia ter vergonha de si proprio, affirmou a sra. Smith. Não se admitta que um rapaz não tenha expediente de se dirigir a uma pobre rapariga sósninha. Para que foram feitos os rapazes? Sim... Faça favor de me dizer.

— Mas, sra. Smith, começou elle. As convenções sociaes...

— Eu não entendo essa linguagem, meu caro senhor. Só comprehendo uma que é a minha, atalhou a boa senhora, com certo ar de dignidade, e, mesmo, não quero entender. Por que é que um rapaz ha de ter medo de falar a uma moça? O mais que pôde acontecer é ella dar-lhe um cascudo. Mas isso só pôde succeder se elle não lhe falar em termos. Se for delicado, se soubber portar-se direito ha de ser bem recebido.

— Ora, diga-me, sra. Smith... O seu marido foi-lhe apresentado antes de falar com a senhora? perguntou o rapaz do 2 A com interesse.

EXCELSA VERDADE



(INEDITO)

A primeira vez que elle a viu, ella lhe disse com os olhos: vem reflectir nos meus olhos negros, os teus, tão deliciosamente azues.

Pierrot sorriu e julgou a um anjo do céu.

A segunda vez, pallida, d'uma pallidez medrosa, apenas balbuciante, toda de branco, como elle julgava que fosse a sua alma, Columbina soluçou, palpitante de emoção, de amor, de vida: — Não vens mais? É preciso que venhas... Quero ver ainda a tua imagem, a tua imagem que os meus olhos procuram constantemente escorrer no meu coração como uma réstega de luz clara na treva sombria, como um perfume suave, como um balsamo doce e como uma carícia intensa! É preciso que venhas. Vens?"

É Pierrot, sempre ingenuo Pierrot, o apaixonado Pierrot, louco, cheio da galanteria italiana, a galhofa no sorriso, a puerilidade no assombro, a nobreza na ansia, a alma no amor, tomou-lhe delicadamente a delicada mão, que se lhe encolheu toda na sua como uma pombinha branca cheia de frio, e fez nella cantar, chilhando a marcha municipal das coisas, todos os carinhosos rouquinhos acordados em sua alma. E sua alma viveu d'esde então como um bosque (cujas arvores tinham folhas verdes como corações esperançosos) todo cheio de flores, de perfumes, de chuchurros em regorgelios azues, de cantos nevrosados de cigarra, e onde, borboletas, panchoras dos ares, borboletearam azuladas illusões.

E as illusões embalaram-no; e elle se esqueceu de tudo, e dormiu nas ansias de sua amada que o chamava sempre, dizendo: — Quero reflectir nos meus olhos negros, os teus, tão deliciosamente azues.

A vida de Pierrot era uma vida airada, de bohemio incorrigivel, pedindo á lua, emprestada, a sua tinta branca para escrever o nome de sua amada no escuro das noites de poesia pelo céu. Por isso é que elle teve medo da pureza de Colombina; e fugiu para terras distantes afim de olvidar aquella de quem elle pensava fossem os labios feitos para a prée, e os olhos e o olfacto para verem a imagem de Deus e aspirarem o incenso dos altares que sobre ao seio do Senhor como uma hosanna dos homens peccadores.

E fugiu.

E longe, muito longe, mais longe ainda do que se pensa, no doloroso e voluntario exilio, sempre com a face enfarinhada, procurou rir, rir bastante, rir em érres de desespero, com a alma exquisitamente sentimental dos tangos argentinos, cantando canções nostalgicas onde elle, doente de tristeza, de sonhos e saudade, abrindo de par em par as parcellas de sua creianção, misturava versos seus com palavras de amor que ella lhe havia dito e de que Pierrot tinha a memoria cheia, linotypadas a ouro.

E fugiu, fugiu ainda mais.

E longe, muito longe, ainda mais longe do que se pensa, seus

companheiros, Truffaldino, Iartaglia, Francatrippa, Pantalone, Polichinello, Zerphincta, e Bi ghela, toda a força alegre do bando das mascadas o ria triste, mas não comprehendia sequer a sua immensa dor de poeta, de genio e de creança.

A noite, para Pierrot, tornara-se uma lã escura onde a lua pintava e silhuctava aspectos a guache com a sua poallia de neve transparente e luminosa.

Pois a lua, a somnambula que vive a sonhar que vive em sonhos...

A lua, "Nuestra Señora de los poetas", a casta lua, a lua gentil, lampada maior entre as tremulas lamparinas do céu, opaca lampada suspensa do vasto templo da sombra e do silencio, não o comprehendia tambem, e deixava cahir sobre elle, como sempre, o seu beijo de luz clara olhando-o, tá do alto do seu infinito palacio negro-noite, com o seu olhar todo branco de ternura.

Só o Palluço lhe parecia as ansias incantadas na nostalgia sem par do indesejado indefinivel, o Palluço, esse que tambem cantava, com menos talento, talvez, cheio de maguas, mas que cantava, ferindo o coração, aos sons escarunhos da guisalhada sem piedade, a sempre tragica e sempre luminosa jarça do "rêde Pagliacci".

E enquanto as horas fugiam com seu rythmo nevrotico e as memorias, tatalando as azas debandaram atravez a poesia dos tempos, envelhecendo-se, os dias passaram e Pierrot continuava a cantar versos seus e palavras de Colombina, de passo que a saudade, como um lazo de borracho, piscava em seu coração, palpitava exclamando, resplandecia, chegava como lentejoilas rubras á crua luz das gambiarras, entre a palpebra somnolenta da cinza que em vão o tempo e a distancia procuraram fazer cahir.

E mesmo, certa vez, Pierrot, o larizante poeta das balladas, o doce sonhador das poesias ensombradas dos jardins, sonhou, sonhou no seu sonhar acordado, que o pescoço de Colombina cahira na sua mão, franzino e esgargalado como um calice de tulipa e todo branco como a brançura mesma das azas das garças; e que a levantára; e hebera nos labios d'ella, como nas bordas d'uma taça de ouro-purpura a arder de loira chamma, o néctar dos beijos, cujo fluído fez muitas vezes tremer de morte, os que, na ansia da vida, sonharam apenas traçal o.

E o seu amor crescia, crescia...

E elle se desinhara, morria, despetalando, minuto a minuto, hora a hora, a flor de sua linda mocidade, deixando cahir dos labios uma durida que elle queria ter; e o seu espirito, como um pendulo, baloiçava nas suas horas de melancolia o eterno mal-me-querer o bem-me-querer eterno e o sempre eterno mal-me-querer.

E o seu peito, cansado, já não suspirava mais.

Vae então, borboia as cordas tremedoras do tremulo bandolim e, em retintins de chrystaes de Veneza e rir, solta por ellas, vibrantes, os seus gemidos.

E longe, muito longe, muito mais longe ainda do que se pensa, subitamente, numa expressão parada, de idiota, emmudeceu a deliciosa belleza de cantar.

E Pierrot, finda a Melodia, finda a Canção de Amor, dolorosa como um canto de cygne, de cygne cheio de saudades, sentiu esgotar de si, como d'um frasco que se destampou, o perfume diaphano e inebriante de sua propria alma.

E sombrio, e doente, e quasi nada, comparou-se a um resto de cigarro que, no chão, branco como uma ossada fumega a ultima fumaça azul... o ultimo anseio!

— Que é isso, Pierrot, triste, sempre triste? Então continuas a ama-la?, perguntou-lhe, certa vez, o Palhaço, que ria a bandeiras

desprezadas, rasgando a bocca a navalhadas de ironia porque a gente lhe pagava e ria tambem.

— Não sei... não sei... Precisamos fugir, fugir mais... para além, mais para além!...

— Que adeanta fugir? Podés ir até ao fim do mundo que serás o mesmo. Pois não vês, insensato, que deixaste a alma junto a ella? E preciso reavel-a... Do contrario... viverás triste, cheio de caninhos sem guaridas, sem horizontes, sem agua, sem nada, sem mesmo o conforto do nome de Deus.

Por tua mãe, ouve-me, Pierrot!

— O fim do mundo é ainda muito perto para se fugir da mulher que nos possui a alma!

MANUEL MENDES.

A lenda do primeiro cymbalo

O cymbalo é o instrumento hungaro por excellencia e o mais admiravel de todos! Na sua melodia apaixonada parece que se ouvem passar vozes humanas, queixas e soluços. Deixa assombrado o estrangeiro que pela primeira vez percorre a Hungria, o poder magico desso pobre instrumento, e mal concebe que o seu influxo possa deprimir os animos até ao desespero ou exaltalos até á loucura. Não o comprehenderá, ainda que conheça a historia de amor e de odio que está ligada á lenda do primeiro cymbalo, porque, para sentir tudo isso, é preciso ser hungaro.

Vamos dar, a seguir, a historia, a lenda, diremos melhor, que certo dia nos contou um senhor tão alegre e tão frivolo como quasi todos os seus ouvintes, sem suspeitar sequer da impressão que a sua narrativa havia de produzir entre alguns dos que o escutavam.

Em meio das montanhas, virgens então, vivia nos primeiros seculos da historia do paiz uma nobre familia madgyar. O seu castello, afastado, occulto quasi em espesso bosque, escapou talvez por isso aos estragos das guerras sem fim dessa época. Feliz e aprazível, se escoava ali a vida, compondo-se a familia de um casal e seu filho unico, moço esvelto e bom, cujo valor guerreiro não lhe impedia demonstrações de caracter suave e amavel. Dividia os seus afazeres e cuidados entre as exigencias de uma guerra continua contra os povos visinhos e doce existencia do castello solarengo. Os paes, porém, sentindo-se envelhecer, instavam com elle para que se casasse, afim de assegurar a successão de seu nome.

Um dia, o joven descobriu a poucas leguas do castello, num outro soberbo, assente numa rocha enorme, o ideal do seu sonho. Filha unica tambem, e sua igual pela fortuna e pela nobreza. Amaram-se. Mas, não obstante, não foi possivel obter o consentimento definitivo da familia della. A velha fidalga ambicionava para a filha um casamento mais glorioso e o pae era fraco demais para lutar com uma tal vontade.

Uma nova guerra sobreveiu, e o cavalheiro teve de abandonar o paiz. Decidiu-se, então, que no seu regresso se trataria do casamento, dependendo a palavra definitiva do valor do moço nos combates. Antes de partir, foi elle despedir-se da noiva, e na torre mais alta do castello fê-la jurar que lhe seria fiel. Ella jurou, serena, porque o amava.

O cavalheiro marchou para a guerra com o coração cheio de esperança.

A guerra durou mais do que se suppunha. O cavalheiro amante voltou á patria depois de cinco annos de ausencia, coberto de gloria. A primeira coisa que fez foi dirigir-se ao castello da sua noiva, certo de já não encontrar obstaculos para a sua felicidade. Mas o castello permaneceu fechado ao seu chamado. A ponte levadiça não desceu. Surprehendido por esse estranho proceder, resolveu esperar ali que elle se abrisse e tratou de se installar deante da janella da torre onde vivia a sua bem amada. A noite, assim o encontrou. Poz-se então a cantar, com a sua voz grave, uma dessas baladas hungaras, de tão triste melodia.

Qual não foi, então, o seu espanto, a sua surpresa, ao ver entreabrir-se uma das janellas da torre e apparecer a visão que, desde ha cinco annos, amava e esperava?

Mas, por que estava vestida de negro, por que tinha os olhos de tão anormal olhar, o semblante pallido como um sudario, as mãos juntas e supplicantes?

— Cymba! gritou elle.

A joven, então, abriu a janella de par em par, debruçando-se no parapeito. Por um instante o corpo se lhe encolheu, como se ella se admirasse do que lhe ordenava o espirito. Debruçou-se um pouco mais e veiu cahir aos pés do moço.

— Amei-te sempre, mas não pude evitar!

E expirou nos braços do noivo.

A fidalga tinha-a obrigado a casar. Para lhe quebrar a resistencia, haviam-n'a encarcerado por tres annos na torre, onde ella acabou perdendo, com a saúde e a alegria, a memoria.

Puderam fazer assim, della, o que quizeram. Prestou-se docilmente ao noivado, sorriu ao futuro marido e mostrou mesmo um certo ar de felicidade. Na vespera dos esponsaes, disseram-lhe que o antigo noivo tinha morrido em combate. Foi uma precaução inutil, pois havia-o esquecido inteiramente...

Mas, agora, nesta noite, quando ouviu a voz do cavalheiro cantando, a memoria voltou-lhe subitamente e attribuindo a voz conhecida á alma do seu noivo, julgou obedecer-lhe seguindo-o na morte.

— Tal é o fim tragico desta historia! epilougou o senhor que a contava.

— Mas... E a respeito do cymbalo? perguntaram varias vozes a um tempo.

— Chego ao ponto essencial da minha narrativa.

Sepultaram a joven no mesmo logar onde havia morrido, e cobriram-lhe a campa de rosas e semprevivas. O cavalheiro não a abandonou. Angustiado sob o peso da sua dôr, ficou em oração deante do sepulcro, noite e dia. De subito, notou que brotavam da terra uns grandes rios prateados, finos e tristes, as unicas plantas vivas sob a espessa camada de neve. Cortou-os e fez com elles um instrumento, cujas cordas tinham o mesmo som da voz da morta.

— Estas cordas têm a mesma côr louro-cinzento que tinham os seus cabellos, e o mesmo tom argentino da sua voz! disse elle pondo o instrumento sobre os joelhos. Deu-lhe o nome de cymbalo, que fazia lembrar o nome della, e commovia com elle, a tocal-o, o coração mais duro. Era como que alguma particula da dôr do cavalheiro houvesse impregnado suas cordas, que, ao vibrar, relatavam o tragico episodio do seu amor.

Os paes de Cymba ficaram como que fulminados ao ouvirem-lhe as estranhas notas, e os transeuntes conservaram uma impressão horrivelmente dolorosa dessa musica.

Um dia, o instrumento emmudeceu... O joven cavalheiro havia ido reunir-se á sua noiva.

Um tzigano que, por acaso, passou junto ás duas campas, apanhou o instrumento e tangeu as suas cordas. A rara melodia invadiu-lhe a alma e, desde então, só um tzigano tem o poder de fazer vibrar as cordas secretas e apaixonadas das nossas almas.

Ahi está a lenda interessante e commovedora do primeiro cymbalo!

O CONTRASTE

O gordo Flanochon, da casa Flanochon & C., de solas e couros, estava commodamente sentado em ampla poltrona do seu luxuoso escriptorio, e, deante d'elle, numa attitude humilde, um homem de seus trinta annos, de pé, de roupa surrada e botinas com as pontas dos dedos a apparecerem irreverentes, tamborilava nervosamente na copa do chapéo de palha, cuja côr primitiva não se conhecia já.

— Sr. de Flory, eu sinto muito, acredite, mas actualmemente não ha em nossa casa emprego que lhe possa dar. O meu amigo Anders, que o recommendou, escreve-me a dizer que o senhor é pessoa muito preparada, que foi companheiro d'elle no collegio, que é bacharel e tem outras prendas de valor. Entretanto, sinto dizer-lhe de novo, não posso empregal-o no meu negocio de couros e solas, mas, tenha paciencia, quem esperou até agora, espera mais uns dias.

O Sr. de Flory foi tratando de sair dali. Flanochon, porém, teve uma idéa.

— Faça favor, Sr. de Flory, um momento... Quer ganhar cem libras por um mez de trabalho ?

— O que é preciso fazer ?

— Pouca coisa. Fui convidado a ir passar em Galles uma temporada no castello dos Frank Williams, uns ricaços que vendem manteiga, ovos e queijos. Os Williams têm uma filha de nome Elsie, que é uma formosura e de quem eu estou loucamente enamorado, tencionando mesmo pedir a sua mão. O senhor vae dizer-me que sendo eu moço, bem parecido, intelligente e rico, não devo ter receio de ser mal succedido na pretensão, mas, Elsie é moça difficil. Tem recusado varios candidatos. Examina-os com a mesma attenção com que a mamãe della examinava ovos.

— Não comprehendo em que possa ser-lhe util, arriscou o Sr. de Flory.

— E' simples... Eu desejaria levar o senhor commigo para me dar valor. Pedir-lhe-ia que fosse desastrado, quando eu fosse habil, nullo nos desportos e no baile, quando eu brilhasse nelles, idiota, desculpe o termo, quando eu fosse espirituoso.

— Numa palavra : o Sr. Flanochon quer que eu lhe sirva de contraste, não é ?

— Isso mesmo ! Offereço-lhe cem libras por um mez de meu contraste, serve-lhe ?

— Sr. Flanochon : desde que obtive o meu diploma de bacharel, tenho desempenhado um milhar de empregos, qual delles o mais arrevesado, mas jámais servi de contraste a ninguem. Não obstante, acceito a proposta.

— Não se arrependará, creia. Se Elsie me acceitar, dar-lhe-ei boa gorgeta...

— Muito obrigado.

— Então, partimos amanhã...

— Mas, Sr. Flanochon, eu estou com a roupa neste estado...

— Não faz mal. Serve-se da minha.

— Mas, meu caro senhor, não somos da mesma estatura...

— Ainda melhor assim. Como sou mais alto e mais grosso,

o senhor como que navegará na minha roupa, tornando-se ridiculo e fazendo valer a minha elegancia e o meu chic. Quanto ás botinas, o senhor tem um pé maior que o meu, e, provavelmente, isso o fará caminhar mal, mas, tanto melhor. Ver-se-á, assim, mais evidente a majestade do meu porte.

— Tem respostas para tudo, o senhor !

— Espero-o, então, amanhã. Partiremos á noite.

— Está direito.

— Até amanhã, meu querido contraste.

• • •

Flanochon e de Flory ha tres semanas que são hospedes dos Williams. Navegando num terno de flanela demasiadamente grande, o Sr. de Flory era a irrisão de todas as senhoritas quando jogavam o tennis, errando todas as bolas, enquanto Flanochon ganhava sem cessar. Numa excursão de automovel, o Sr. de Flory por pouco que não espatifa o carro de encontro a uma arvore, em meio dos gritos de susto dos passageiros, sendo preciso que Flanochon o tirasse do governo, para elle o assumir e trazer o automovel a bom caminho, com os entusiasticos agradecimentos de Elsie.

A' mesa, o Sr. de Flory não abria a bôca senão para deixar entrar mantimento, enquanto o Flanochon contava anedotas e coisas espirituosas, decoradas das revistas illustradas, mas com grande admiração e regozijo dos circumstantes. A' noite, o Flanochon, com Elsie nos braços, revelava-se um mestre de fox-trot e no tango, enquanto de Flory, mettido num smoking enorme e os pés impresados nuns sapatos do amigo, dansava desastradamente, a pisar a dama.

No bridge, o 'aspirante a promettido', como dizia o casal Williams falando de Flanochon, jogava como um deus. Em summa : o côro dos convidados, com a propria Elsie á frente, era unanime em julgar que, dos dois senhores da capital, Flanochon era tão intelligente, habil, espirituoso, bailarino brilhante e sportsman completo, como de Flory era imbecil, ridiculo, grotesco.

Uma tarde, quasi á hora de jantar, Flanochon fez-se encontrado com de Flory. Este indagou :

— Então ? Está satisfeito, Sr. Flanochon ?

— Oh ! Muito ! O meu negocio está muito bem encaminhado, mas não me atrevo ainda a pedir a mão de Elsie. Falta, no papel do amigo de Flory, um pequenino "quê", que me asseguraria a victoria completa...

— O que é ? ! Eu faço todo o possivel...

— Sim, sim... Bem sei. Nos desportos, no fogo, no baile, etc., Elsie está conquistada. E' preciso agora o que diz respeito á intelligencia, ao espirito, á graça...

— Mas, Sr. Flanochon, o senhor deve ter reparado que enquanto o senhor fala pelos cotovêlos, á mesa, eu me limito a comer.

— Justamente ahi é que está o erro. Trate de dizer tolices, de ser intellectualmente tão ridiculo como o é physicamente. Creio que se tal se der, Elsie será minha.

— Conte commigo, não ha duvida.

— Até logo, então, meu querido aliado.

E Flanochon passou á sala de jantar.

Quem pôde explicar o que existe no fundo de um cerebro humano? De Flory sentouse á mesa com o firme proposito de ser estúpido, idiota, imbecil, incommensuravelmente estúpido, idiota, imbecil.

Mas, aquella noite, Elsie estava adoravel. E uns ciumes obscuros se apoderaram do "contraste", que quiz brilhar, resplandecer, seduzir Elsie.

Ah! Iam vêr! Quebraria a sua cadeia e revelar-se-ia! Ao pé delle, havia de ficar reduzida a zero a sabença de um Flanochon qualquer!

E assim foi! Enthusiasmado, expoz as idéas mais grandiosas e generosas, citou os philosophos e os pensadores mais conhecidos. Recitou, a seguir, trechos de Victor Hugo e Lord Byron. Foi sentar-se ao piano e executou admiravelmente pedaços de Berlioz e de Beethoven, enquanto o palerma do Flanochon não sahia do tangozinho, do monologo, ou áriazinha de café-concerto.

Mas, de Flory de repente caiu em si. Teve o sentimento da responsabilidade e, pretextando uma dôr de cabeça, recolheu-se a seu quarto.

— E' realmente canalha e malvado o que eu acabo de fazer! monologou elle sentado na cama. Não cumpri o que havia prometido, a obrigação que contrahí. Flanochon vae despedir-me amanhã, na certa, se o não fizer hoje mesmo e, o que é peor, talvez sem me pagar coisa alguma. E terá toda razão, porque me portei com elle pessimamente. Ah! Debilidade humana! Basta o sorriso de uma loira qualquer para que um homem perca a cabeça! Fil-a bonita, não ha duvida!

Inesperadamente, bateram na porta.

Deve ser elle sem duvida. Resignemo-nos a ouvil-o, pensou de Flory.

Abriu-se a porta e Flanochon entrou como um foguete, mas alegre, radiante. Avançou, apertou a mão de de Flory, abraçou-o e beijou-o phreneticamente.

— Obrigado! Obrigado! Obrigado!

— De quê? Por quê? O que ha?

— Prompto! Elsie acaba de aceitar-me!

— Ainda bem! gemeu de Flory.

— E tudo isto eu devo ao senhor! Esta noite, meu caro, o senhor esteve admiravel de imbecilidade, de estupidez, de idiotice, de ridiculo! Quanta bobagem, o senhor disse á mesa de jantar! E os versos? Os versos que o senhor recitou? Os trechos idiotas que tocou ao piano? Quando o senhor saiu da sala, todos os convidados disseram ser impossivel haver pessoa mais parva, na capital, e eu... aproveitei! A minha Elsie quasi morreu a rir. Teve que occultar o rosto no leque para o senhor não dar por isso! Agora, vamos ao que importa, que foi para isso que aqui vim... O seu papel acabou, Sr. de Flory. Póde ir embora quando quizer. Em vez das cem libras prometidas, aqui tem duzentas e cincoenta. Obrigado! Mil vezes obrigado, Sr. de Flory! Adeus! Eu vou ter com a minha noiva.

GEORGE DOELEY.

FOGÕES A GAZ ALLEMÃES

da afamada Fabrica

Junker & Ruh, Karlsruhe



Fogões "OTTO"

Unicos Depositarios: OTTO SCHUBACK & C.

Esmaltado de branco, ferragens nickeladas, solidas, elegantes.

Queimadores patenteados — Grande economia no consumo.

Unica casa que tem todos os sobresalentes e pessoal habilitado para lidar com os fogões.

Vende-se a dinheiro e a prestações.

Exposição permanente á Rua Theophilo Ottoni, 95 — Tel. N. 6773.

Fogões de mesa de 1, 2, 3 e 4 boccas com fornos á parte.

SANITOL

O Sabonete Preferido
para o banho e toilette

de officio é obrigado a falar. Se não fosse este Paul... Bom, isto não importa...

— O que é que não importa? perguntou Elaine.

— Nada! Isto é, sim, é que... Como vê não sei o que estou dizendo. Parece que o isolamento me baralhou a cabeça. O melhor que temos a fazer é voltar para casa, acho eu.

— "Temos"? "Para casa"? "Nós"? — Desculpe. Quero dizer eu e o Paul. Está a acabar a hora delle.

Cada vez mais intrigada, a moça indagou: — Os passeios delle, então, são limitados?

— Então como ha de ser? Paul está sendo educado methodicamente. Sae sempre a uma hora certa e volta sempre a mesma hora. E' a unica maneira de educar cães... Mas estou satisfeito, porque a senhorita gostou delle.

— Gostei muito, respondeu Elaine. Tornarei a vel-o?

aspecto possivel. Por ser cachorro alugado não se segue que não tenha dignidade.

Uma tarde, no fim daquela semana, James magnificamente alheio ao facto de que cinco shillings diarios era um roubo dos diabos nas suas economias, apanhou Paul, como de costume, e dirigiu-se para o local onde esperava encontrar Elaine Rattery mais uma vez. Chamava-a agora por esse nome, porque fôra tarefa facil descobrir quem morava na Woodend House.

A sorte protegia-o como devia proteger sempre o vosso namorado, leitora.

Elaine appareceu logo, e, enquanto Paul, de orelhas arrebitadas, ladrava alegremente como se a quizesse saudar, James viu sair de um jardim um certo Eustace Blake, com quem ainda nessa manhã estivera algumas horas.

Blake era vice-presidente da nova Chessingford Golf Club e era justamente no campo desse club que James andava trabalhando. Na verdade, no momento, o que elle representava na cidade era uma grande

trella na vida conversavam entusiasticamente sobre coisas sem importancia.

— Porque não solta o seu cachorro, sr. Binning? Elle devia gostar.

— Gostar, gosta, disse James, mas, ultimamente tem andado um pouco endiabrado. Quando o comprei, seguia-me quasi como um cão. Digo isto no sentido de que não se afastava de mim, mas, agora, gosta muito da vagabundagem. E' um animal caro.

— Elle tem "pedigree"?

— "Pedigree"? Nenhum cachorro na Inglaterra tem "pedigree" que vá mais longe que o delle. Se eu quizesse exhibil-o em publico nem eu sei o que seria! Se elle morresse, mandava-o empalhar e creio que ficaria a olhar para elle toda vida. Mas, espero que elle não morrerá nestes annos mais proximos.

— Não morre, não, disse Elaine. Tem cara de quem tem muita saude.

— A cabeça delle, disse James gravemente, a cabeça delle é que parece que não regula bem. Por isso é que uso a corrente para o prender. Chegámos á sua casa. Vae entrar, não é?

— O sr. Binning não quer ver o jardim? Está bonitinho agora.

James foi ás nuvens.

— Nunca vi nenhum jardim, e isto nem a proposito, disse elle sem saber bem o que dizia.

Começaram a passear em volta dos canteiros. Paul cheirava as flores tremelicantes. De repente, parou á porta um carro cinzento e a moça assustou-se immenso.

— O que é? perguntou James olhando-a bem.

— E' papae! respondeu ella. Se vir aqui o cachorro elle fica desesperado, porque embirra solememente com cães. Que vamos nós fazer de Paul?

— Não sei, respondeu James. E' muito grande, para querdar no bolso. Se o soltamos, vae com certeza direitinho a seu pae e morde-o sem duvida alguma. Não haverá onde o possamos esconder?

— Podemos, sim. Pegue nelle, depressa. Papae ainda o não viu, vamos pôl-o ahi num desses cubiculos de ferramentas.

O cachorro foi levado para um alpendre perto da garage, de corrente ao pescoço, mas protestando violentamente.

— Está bem, disse Elaine. Ahi fica bem e enquanto eu levo meu pae para dentro de casa o senhor carrega com elle para fóra.

O papae, porém, não estava para isso, de ser levado para casa. Pelo contrario. Depois de haver sido apresentado a James e de exprimir a sua admiração por Eustace Blake, sacudiu-se, limpou o rosto, do pé da estrada e disse:

— Muito bem Elaine. Tens que vir no carro commigo. Prometti aos Tresswolds levar-te lá. O senhor, meu caro Binning não toma isto a mal, pois não? Sinto ter de deixal-o desta maneira... Um dia, a gente se encontrará, em melhor occasião.

— Espero que sim, disse James, de "olho grande".

Viu Elaine fugir-lhe da vista, e quando o barulho do motor do auto cessou, caminhou lentamente para o alpendre, onde Paul estava prisioneiro. Elle, porém, não o era mais. Desapparecera e um buraco na parede mostrava de que processo elle se serviu para a fuga.

Vinte minutos passou James no jardim, assobiando a chamar, rogando pragas, contra o bicho que tão esplendidamente o ajudára na sua escalada amorosa. Então, contando com o melhor do caso, dirigiu-se para a loja, onde alugára Paul. Explicou as coisas ao lojista que enguliu em secco, por duas vezes, ficando muito aborrecido.

— O senhor fez uma dos demonios, meu caro senhor Binning. Uma dos demonios, o que o senhor fez. Esse cachorro valia, pelo barato, umas dez libras. Sim, não preciso dizer mais. O senhor não ha de querer que eu diga mais.

— Não precisa mesmo dizer mais, retorquiu James. O diabo do cão é impossivel que não venha ter aqui, quando estiver com fome... E depois... o que são dez libras?

— São duas vezes cinco libras... disse o outro.

— Não me havia lembrado, não tinha pensado nisso. Está visto que dez libras são dez libras. Bem, qualquer dia destes, venho ahi pagar, quando as tiver.

— A minha reputação está tambem em jogo.

James disse sarcastico:

— E' mais uma libra, não é? Lá por isso não fique carrancudo assim. O que tem de ser tem muita força. Esta noite, devolve-lhe o cachorro. Como vê, sei onde elle está.

— Se sabe, por que não vae buscal-o?

— Ah! disse James, não se metta nisso, meu caro senhor. Se o senhor pudesse comprehender-me como Paul me comprehende!

Creio que de amanhã em diante não preciso mais alugal-o. Posso compral-o.



Sr Binning! Não faça barulho, peço-lhe...

— Eu gostava, disse James. A senhorita vae por este caminho?

— O senhor vae ali por esse, não é?

— Não, não vou, e, mesmo, se a senhorita não ficasse zangada ia pelo seu...

James viu-a franzir os labios.

— Não se usa, disse ella por fim, mas não vejo por que não vem commigo até á porta da minha casa.

Elle foi e viu o distico Woodend House no portão. Depois, muito satisfeito commigo mesmo, e com Paul, e com a moça maravilhosa, cujo nome não sabia ainda, voltou á cidade. Levou o cachorro á loja e pagou os cinco shillings combinados.

— Amanhã, disse ao lojista, amanhã á mesma hora tornarei a alugal-o. Nunca vi cachorro tão bom. O senhor diz que elle é "Terrier", mas eu acho que é crusamento de perdigueiro com outras raças. Mas, está certo, de qualquer modo. Dê-lhe um banho para amanhã. Quero que elle tenha melhor

companhia de estradas de ferro, mas, em Chessingford, havia grande camaradagem entre a companhia e os sports. Numa palavra, James e Blake eram, como se costuma dizer, uns amigalhões. Fôra uma dessas amizades instantaneas que só a reconfortante theoria da reencarnação explica satisfactoriamente.

— Como vae? falou Blake. Feliz homem, que tens as tardes livres!

— Muito bem, retorquiu James, cujos nervos vibravam como fios de telegrapho em dias de ventania. Conheces a senhorita Elaine Rattery?

— Naturalmente que conheço. E' aquella que vem ahi.

— Já sei, disse James. Já falei com ella. Este meu... este cachorro é que nos apresentou, mas eu queria que fizesse o mesmo. Não leva um segundo.

A Blake não custava nada attender e elle attendeu prazerosamente.

Dahi a dois minutos James e a sua es-

Penso mesmo que ha mais alguém que gos-
taria, tambem, de o comprar.

A despeito da sua chocarice, James esta-
va serio. A perda do cachorro, entretanto,
nao lhe dava cuidado. O que elle temia era
a possibilidade do coronel vir a encontrar
o Paul no seu terreno e voltar-se contra o
supposto dono d'elle.

Era noite e era tudo trevas quando Jame-
s, pé ante pé, entrou no jardim do Wo-
odend House, e caminhando pela relva,
se dirigiu até ao alpendre onde esperava
que, impellido por algum espirito caseiro,
já alli estivesse Paul.

Mas Paul não estava.
Pareceu a James que só havia uma luz
no casarão e atreveu-se a assobiar baixinho,
andando aqui e all, a dar estalinhos
com os dedos, feito maluco, e chamando:

— Paul! Paul! Bom cachorro... Coita-
do do Paul... Então... Aparece rapido!

De repente, achou-se perto da casa e ou-
viu o seu nome pronunciado por uma voz
que o arrastaria de qualquer parte onde elle
estivesse e como estivesse, a qualquer hora,
de qualquer maneira.

— Por amor de Deus, sr. Binning, não
faça barulho! implorava Elaine, de uma
janella. Se quer falar commigo, o melhor é
entrar. Entre pela janella. Estão todos a
dormir. Os creados estão lá para os fundos,
e papae recolheu-se ha uma hora queixan-
do-se de que se constipou. O que é que o
senhor está fazendo aqui?

— E' por causa de Paul, explicou James.
Estou maluco com a perda do cão. Paul é
tudo para mim... Não, não... não é tu-
do... Foi falta de expressão... Mas quando
eu penso naquelle diabinho e no tempo em
que elle começou a saltar para cima dos
meus joelhos... Eu tenho de encontrar-o
custe o que custar. Ah! é que está a coisa.
A senhorita não comprehende... E' uma
especie de segredo entre elle e eu.

Suppoz de o encontrar aqui... Quem
sabe se elle terá morrido e... Posso entrar
mesmo?

— Já lh'o pedi, murmurou ella. Isto é
uma coisa terrivel.

James passou uma perna pela janella.
Depois, no quarto immerso numa semi-obs-
curidade, olhou para Elaine e teve impetos
de lhe dizer a tremenda verdade. Mas o
olhar d'ella deteve-o. Uma creatura com
uns olhos daquelles não perdoaria nunca
um logro.

— Parece que o senhor vae demorar
muito.

— Naturalmente — mas a senhorita
que mandou.

— Foi, porque o senhor fazia muito ba-
rulho no jardim... Imagine, a uma hora
destas no jardim a assobiar e a chamar pelo
Paul!

— E' que elle podia estar por aqui, e é
muito novo ainda para andar, sozinho, de
noite. Olhe, senhorita Rattery...

— Estou olhando.

— Eu tenho que sair daqui com Paul.

— E se o não encontrar?... Mas... o
que foi isto, não ouviu?

— Ouvi... Parece que disseram "Não
sei", falou James.

— E' qualquer coisa lá dentro... disse
Elaine.

Ella estremeceu de subito e ficou tão
assustada que James, do modo mais natu-
ral possivel, passou-lhe um braço pela ein-
tura.

— Não tenha medo, pediu elle. Não se
assuste, minha querida, eu estou aqui!

— E' um ladrão! exclamou ella. E' muita
audacia vir até aqui com luz!

— Socegue... O ladrão não lhe fará mal.

Ninguém no mundo lhe fará mal sem me-
lar uma surra primeiro. Estou dizendo bo-
bagens mas a senhorita é que é a culpada.

Sabe o que eu quero dizer, não é Elaine?
Ve? Lá disse eu o seu nome, sem querer.
E' o nome mais bonito do mundo e a senho-
rita a moça mais linda do mundo. Eu estou
impressionadissimo com a senhorita desde o
primeiro dia em que a vi.

Elle parou, e olhou para ella a ver se
lhe lia qualquer coisa no olhar. Ella olhava
parecendo dizer com os olhos: continue que
eu estou gostando.

Mas, nesse momento, ouviu-se um latir
de cachorrinho de pouca idade e James não
se conteve:

— Aposto em como é o Paul! Mas onde
estará elle?

— Provavelmente na despensa. De-
pressa, para papae não o ouvir.

Correram para a despensa e abriam a
porta. O Paul estava lá empurrado a
grunhir feito porco. Olhou assustado para
os seus libertadores. Levaram-no logo,
mas scabello em desalinho, olhos escandali-
zados, enrolado num chambre de ponto de
meia, surgiu furioso o coronel Rattery.

Elaine escondeu o cachorro detrás de
uma almofada.

— Quero uma explicação, disse o cor-
nel. Do senhor, e da senhora.

James metteu dois dedos, ntra o colla-

rinho e o pescoço e começou a girar com
elles para trás e para deante.

— De facto, ia elle a dizer.

— Qual facto, qual carapaca... O facto
é que você é patife... São horas de estar
aqui, com minha filha?

— Naturalmente, defendeu Elaine, veiu
buscar uma coisa que se esquecei.

Foi, então, que Paul, sem mais aquella,
saiu de trás da almofada para passear cini-
camente pela casa.

O coronel olhou para elle.

— Elaine! gritou elle. Que diabo! Ou
eu me engano muito ou este é o Paul! Elaine,
é o Paul!

— E' muito parecido, não ha duvida,
disse a moça.

James interveiu:

— E' o Paul... E' meu... Um cão que
eu aluguei.

— E' seu o quê, sir?

James olhou para Elaine.

— Eu queria que a senhorita explicasse
a seu pae uma porção de coisas que a sen-
horita não sabe, disse elle.

— Oh! Mas é o Paul sem duvida! disse
o coronel. Como é que veiu parar aqui? Elle
estava fóra, a desenganar do máo humor.

— Se me quer deixar explicar, em ex-
plico.

E contou a historia com simplicidade,
sinceramente, de homem para homem. A
historia era pontuada pelo barulho de Paul
roendo os restos de um osso que trouxera
da despensa.

— Elaine! tu deves saber alguma coisa
a respeito, disse o coronel quando Jame-
s acabou.

Realmente, eu reconheci Paul, quando
pela primeira vez nos encontramos eu e o
Sr. Binning, e Paul tambem me reconheceu.

Fui, então, á loja onde elle estava e o lo-
jista me disse que um moco o tinha levado
a passeio. Não percebi, mas acho que não
devia dizer nada. Resolvi esperar e espe-
rei.

— Que pouca vergonha! exclamou o
coronel. Se calhar vezes me partici-
pou aqui a pouca que resolveste casar com esse
alugador de cachorros.

— Vou, sim senhor! Papae não se zan-
gue.

— Eu nunca me zango... nem mesmo
por estar aqui acordado a es a hora... E
você lá, moco, eu não o convidado para lan-
char commosco amanhã, mas, fique sabendo,
aqui lancha-se á uma hora a arde.

W. Harold Thomson.

Um concurso de "estrellas"

"Le Journal", de Paris, organisa actual-
mente um concurso de "estrellas" cinema-
tographicas. De futuras "estrellas", bem



entendido, porque se trata de descobrir vo-
cações para a arte muda. A França, para
que se facilitasse as "démarches" do
concurso, foi pelo ju... do mesmo dividida
em vinte regiões, cada um das quaes de-
verá designar uma concorrente que satis-
faça por completo as tres seguintes con-

dições: belleza de rosto, belleza de corpo,
belleza de expressão.

Esses torneios provinciaes serão assim
como provas eliminatorias, devendo o con-
curso final ser disputado em Paris. A nos-
sa gravura representa a eleita pelo jury de
Lyon. O seu nome é Marguerite Gobet.
Tem apenas dezasete annos... e é solteira.
Os seus olhos, o seu cabelo e a sua bocca
— os seus olhos, sobretudo — são de um
encanto forte e suggestivo. Ha nessa pe-
quenina lyoneza ainda mal sahida da pu-
berdade muito de mulher — de "mujer
temperamentosa", como dizem, e bem, os
hespanhoes.



O nú na arte e na vida

Enquanto Paris move contra o "nu" ar-
tístico", contra as chamadas "visions d'art",
que eram a "great-attration" das revistas
de fim de anno — quem não tem deante
dos olhos a soberba collecção feminina do
Folies Bergères? — a "Filmlandia" consa-
gra definitivamente o culto pagão da nu-
dez. Assim é que em Hollywood e em Los
Angeles o nu já até saiu da penumbra de
liciosos dos interiores, e veiu para o ar li-
vre, a dar aos "sports" toda a classica bel-
leza da forma humana. A nossa gravura é
um documento curioso, nesse sentido. Ella

nos mostra a actriz da scena muda "miss"
Opal Mc Donald — uma maravilhosa esta-
tua de carne, como se vê... — tal qual to-
das as manhãs, sorrindo tranquilla para o
sol e indifferente para os olhares masculi-



nos, joga a sua partida de "golf", nos jar-
dins de sua residencia, uma encantadora
casa de campo, nos arredores da "Cidade-
Camaleão".

Seria interessante saber a opinião de os-
sas gentis patricias sobre a extranha in-
dumentaria de "miss" Mc Donald, "re-
la" de cinematographo...

Cintra, a mais deliciosa...

Quem uma vez foi a Portugal e visitou esse recanto de sonho, que é Cintra, certamente nunca mais apagará da memória — da memória do espirito, da memória dos olhos e da memória do coração — a lembrança do sitio delicioso, deante de cuja maravilha o grande Strauss exclamou, de uma feita, evocando o "Parsifal", a cabeça erguida para a Pena: — "Este é o verdadeiro jardim de Klingsor; e lá no alto está o castello de São Graal".

Byron chamou-lhe "Eden terreal", traçando-lhe este formoso e eloquente elogio: "A villa de Cintra, a umas quinze milhas da capital, é talvez a todos os respeito a mais deliciosa da Europa. Une em si mesmo toda a rusticidade das serranias com a verdura do sul da França".

"Ai de mim! suspirava o poeta glorioso do "Childe Harold". Que penna ou que pincel lograra jamais dizer a metade sequer das bellezas destas vistas, mais deslumbrantes que cssas outras em que fala o poeta que abriu ao mundo, tomado de espanto, as portas do Elysio".

Strauss confessou que nada tinha visto no mundo que se lhe pudesse comparar: nem a Italia, coroadada de rosas, nem a Sicilia, eternamente florida, nem a Grecia, a toda bella e harmoniosa; nem o Egypto, com o prestigio das suas lendas, do seu mysterio, nada valia "aquella Cintra que parece feita para entender a alma dos poetas e dos enamorados". Porque foi a propria alma de Cintra, e não simplesmente o seu aspecto decorativo, que o celebre musico allemão, como o immortal poeta inglez, comprehendeu e sentiu.

"A paisagem de Cintra é uma paisagem que não tem similar — escreve alguém que a soube amar religiosamente no fundo do seu coração. E como tal tem um encanto que não é o da paisagem do Bussaco, nem o da paisagem de Coimbra. No Bussaco plitosophia-se, em Coimbra guitarrica-se e canta-se. Em Cintra ama-se. O Bussaco domina pelo grandioso, Coimbra attrae pela doçura, Cintra fascina pela melancolica poesia, pela grandeza encantadora".

E acrescenta, commovido:

"A alma de Cintra, a alma lendaria e queiroza é uma alma sem par. E quando a cabelleira de sonho do necrociro envolve o seu castello, Cintra, transida e triste, scisma.

Ha quem diga que outr'ora essa alma foi batalhadora e fera. Puro engano. A alma de Cintra é a alma da sua paisagem. E a paisagem de Cintra nunca fará guerreiros. Póde fazer frades, póde fazer poetas, guerreiros, não. Nem mesmo quando os ventos furiosos perpassam na sua galopada feroz através das arvores, nem quando a chuva faz transir os velhos troncos centenarios, e o raio e o trovão fendem e enchem o valle de seu horrido estampido. Nem quando na costa a onda mugindo tudo abala, despedaça e espanta. Nem quando a sombra desce em pleno dia para em pleno dia fazer noite plena. Não é a alma de guerreiro, é a alma de um poeta em juria, porque até na tempestade empresta ao scenario ineditas e inconfundiveis bellezas. Talvez por isso os espiritos sublimes que o destino fadou enormes, deante de Cintra só sabem admirar e tem perante o encanto da sua paisagem o extase e o enternecimento que só a Belleza e o Amor sabem inspirar.

Por isso Cintra será para todo o sempre a paisagem a que mais querem os tristes, os poetas e os namorados.

Por isso Cintra ficará eternamente a eterna melancolica amada de todos, por todos admirada, cheia de lenda, cheia de mysterio, cheia de suggestiva e doce suavidade e encanto. E se quem não viu Sevilla não viu maravilha, quem não viu Lisboa não viu cousa boa, e quem não admirou Coimbra não viu cousa linda, que se dirá de quem, de quem ao menos uma vez na vida não viu Cintra, e não sentiu, na grandiosidade do céu e do arvoredo, da montanha e do mar, palpitar a alma da encantada e maravilhosa Cintra — a eternamente amada e bella!"

"Jardim de Klingsor", "Eden terreal", o que quer que seja, Cintra é o recanto de sonho que nunca mais apagará da memoria do espirito, da memoria dos olhos e da memoria do coração aquelle que, um dia, a contemplou e a soube amar.



— Que é isso seu Juquinha! É ao carramação consigo para que? Quer pedir a minha mão?
— Não! Eu não exijo tanto... Eu queria, apenas, pedir-lhe... a bocca...

O PASSARINHO FELIZ

MAMAZINHA ESCUTA

Como naquelles felizes dias da minha meninice, aquelles venturosos dias que, fugazes, se fundiram na nebulosa do que já-mais volta, mamãe, mamãe, acolhe-me nos teus braços amorosos novamente e deixa que no teu santo peito eu verta as primeiras lagrimas de vencido! Mamazinha! deixa que, em segredo, te narre as minhas penas, te conte as minhas mágoas... Sou de novo um menino, cuja alma tremeu ao grasnar do cõrvo da tragedia...

Mamazinha escuta!

II

Sabes?... Havia um passarinho que, trinando alegremente, saltava contente de ramo em ramo... Como lhe sorria, então, a vida, mamãe!... A Natureza toda o convidava a gozala e elle, na sua humilde linguagem conversava com a Natureza. O sol... espaço... terra... plantas... flôres... fontes... lagos... Todos eram seus amigos e o seu coração abria-se para elles numa gloriosa explosão de ventura, de felicidade... Como lhe sorria, então, a vida, mamãe!... Mas, um dia... sabes? a biblica serpente do mal sibillou a seu lado...

— E's feliz? silvou ella.

— Muito!

— Conheces, então, tudo quanto ha de bello á nossa roda?...

— Tudo! Conheço tudo! respondeu o passarinho batendo as azas.

— E a lua?

— A lua? perguntou o passarinho admirado.

— A lua, sim... Não sabes o que é? Quando o sol morre na longitude do horizonte, faz-se a obscuridade e surge um outro astro tão bonito como elle, com uma cõrte de estrellas brilhantes. Dir-se-ia uma princeza com innumeraveis pagens. Nunca a viste?

— Não, nunca vi isso!

— Então, espera hoje que o sol se vá, e vê...

E a biblica serpente do mal afastou-se sibillando...

III

Pobre passarinho! O acicate da duvida e da anciedade havia-se-lhe cravado no pequenino coração... Não cantou em todo esse dia... Calado... Triste... Pensava na lua!... nas estrellas!

— Passarinho feliz! perguntou-lhe a fonte, o que tens tu? Por que estás triste?

— Oh! Fonte amiga! Tu... tu... Não... não tenho nada!

E o seu canto fendeu o espaço suavemente, ternamente, dolorosamente... Chorava! Como elle nunca havia feito, mamazinha, chorava cantando!

IV

E fez-se noite. A Natureza povoou-se de mysteriosos murmurios. O vento parecia gemer entre as ramarias. Mas, lá em cima, brilhava, magnifico em toda a sua formosura, maravilhoso disco de luz, que uma infinidade de astros mais pequenos, mais pequeninos, rodeava como zelosos guardas... Era a lua! Eram as estrellas!... O passarinho feliz julgou tudo aquillo um sonho... E embriagado da belleza dessa noite, cantou... Um canto dulcissimo... estranho. Um canto de amor para a lua!

A luz do sol surpreendeu-o cantando e a sua ultima nota foi como um grito de dôr.

V

As sombras envolveram o coração do passarinho.

— Passarinho feliz! Por que estás triste?

— Oh! Fonte amiga! E' que eu vi a lua e quizera acariciala com as minhas azas e commovê-la com o meu canto!

— Passarinho feliz! Pretendes uma loucura!

— Fonte amiga, por que?

— A lua está muito longe de nós. Não poderás chegar junto della. Fizeste mal em vê-la! Muito mal, passarinho feliz!

— Então, não sou feliz... não o posso ser... não posso!

A fonte suspirou, gemeu com o passarinho.

VI

Veiu de novo a noite.

Lá em cima, sempre formosa, a lua com as suas estrellas. O pobre passarinho não resistiu. Abandonou o cáldo ninho.

— Lua! Pôde, acaso, a distancia, ser obstaculo para que eu chegue a teu lado? Lua, eu vou para ti!

E batendo as azinhas, emprehendeu o vôo...

Subia, subia, subia...

— Lua, eu vou para o teu lado!

Achou-se entre as nuvens... Mas, como ella estava distante ainda, santo Deus! Entretanto, parecia dizer-lhe:

— Sóbe! Sóbe, passarinho!

E, estimulado por esse chamamento mudo, continuou subindo!...

— Lua, eu vou para junto de ti!

— Coragem! Acima! Avante! Mais... Mais ainda!

— Eu vou! Eu vou!

Mas... Não pôde mais... O cansaço e o desanimo venceram o seu organismo. As forças abandonaram-n'o. Dobraram-se-lhe as azas lutadoras e elle, já nos braços da morte, deu como uma pedra contra a terra! O seu ultimo vôo!

Um pallido raio de lua lhe serviu de mortalha!

VII

Assim o meu coração, mamazinha! Um passado louco!... A solidão, a noite, o nada, apoderaram-se delle, porque, como o passarinho, pretendeu uma loucura... Sabes? Eu amava-a muito... queria-lhe muito... muito! Para que havemos de nos enamorar, mamazinha? Por que é que existem differenças de posição e de classes? Mamazinha, tenho o inverno no coração... Compreendeste-me?

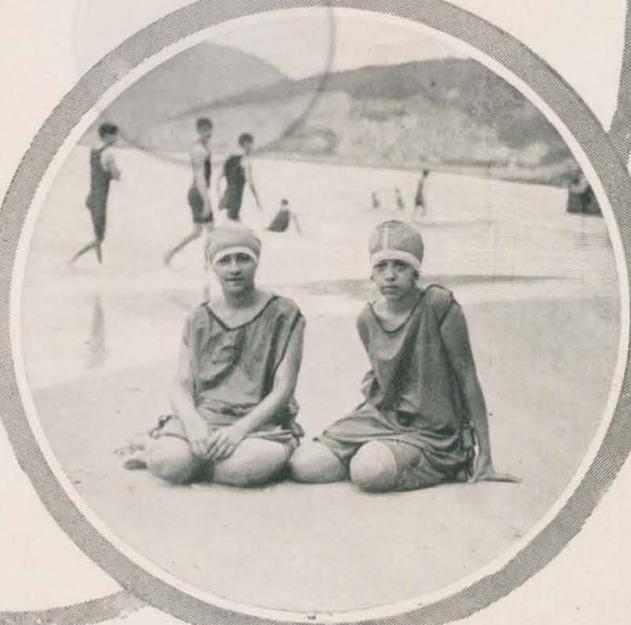
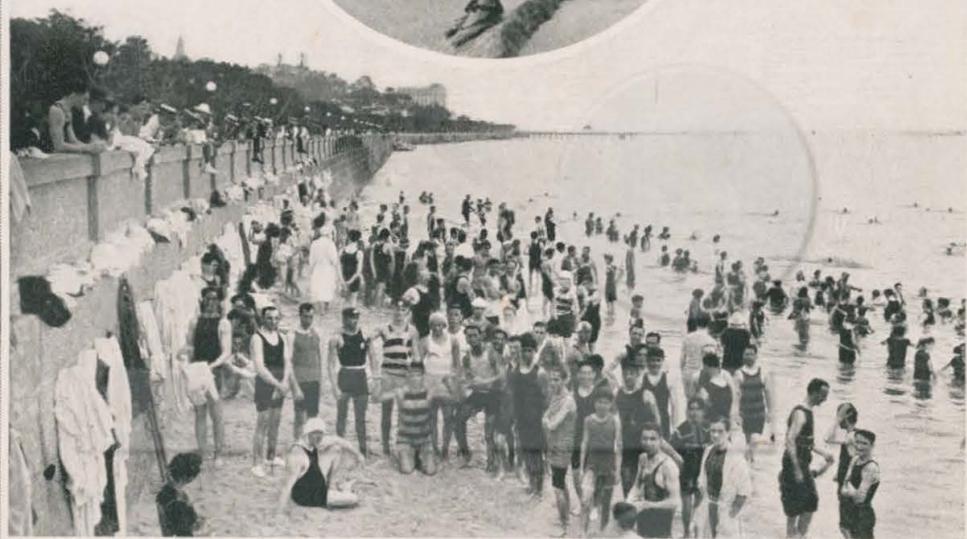
VIII

Boa mamãe, não chores! E como nos dias felizes da meninice, aquelles venturosos, fugazes dias que se fundiram na nebulosa do que já-mais volta, deixa-me soluçar contra o teu coração de santa...

Deixa, mamazinha! E enquanto desabafo no pranto, conta-me uma daquellas historias lindas que tu sabias contar-me... Lembras-te? Era uma vez um principe... Vá... mamãe, começa!...

PRAIA DE

COPACABANA



Quando o Sol vai declinando no horizonte



O ORGULHO

DA BELLEZA

Se chega o momento em que V. Ex. notas as prematuras rugas ao redor dos olhos, as manchas no rosto, pelle flacida e sem brilho da juventude — cravos, vermelhidões, espinhas, cutis aspera e resequida, precisa fazer ALGUMA COUSA para impedir o progresso dessas imperfeições e dar nova vida e belleza á cutis.

ESSA ALGUMA COUSA é o Crème POLLAH !

Ao Crème POLLAH está destinado a missão de distribuir a felicidade e alegria ás senhoras e moças, devolvendo ao rosto a sua perfeição, o aspecto de juventude, fazendo **ABSOLUTAMENTE** desaparecer as **RUGAS, ESPINHAS, CRAVOS, MANCHAS** : dando **DIARIAMENTE** á pelle a **SUAVIDADE E O COLORIDO** da primeira juventude.

POLLAH, o maravilhoso **CRÈME** da **AMERICAN BEAUTY ACADEMY**, representa a ultima palavra da sciencia dermatologica e nada mais o ignora para embellezar, conservar e curar as imperfeições da cutis. Como **CRÈME de TOILETTE** deve ser usado **POLLAH** diariamente para dar a **COR CLARA, SUAVE, PARELHA** e **ADHERIR O PO' DE ARROZ**, protegendo ao mesmo tempo contra o vento, sol, poeira e calor.

Haverá por acaso algo que proporeione a uma senhora maior prazer que a certeza de sentir-se admirada ? **POLLAH** proporcionará essa certeza ! Essa é a admiravel missão do **POLLAH** !

Para maior efficacia do emprego do **POLLAH**, enviamos gratuitamente, a quem nos enviar o endereço, o livrinho "A arte da belleza"; nelle se encontram todos os conselhos para a hygiene e embellezamento da cutis e cabellos.

Corte este "coupon" e remetta aos Srs. Repres. da American Beauty Academy — Rua 1^a de Marco, 151, Sob. — Rio de Janeiro. — "FROU-FROU..."

Nome.....

Cidade.....

Rua.....

Estado.....



Sua Magestade a Moda

Eis-me outra vez aqui, neste recanto hospitaleiro de *Frou-Frou*, a dizer-vos, gentis leitoras, quaes as ultimas novidades que Sua Magestade a Moda acaba de lançar, para alegria nossa e desespero de nossos maridos, ou de nossos papás.

Segundo Alice D'Aubry, parisiense, o ouro está em plena voga e a formula suprema da elegancia é esta: "uma dama donrada num salão dourado..."

As mulheres, hoje, vestem-se de ouro, calçam-se de ouro, abanam-se com leques de plumas de ouro e até fazem os olhos applicando ás palpebras algumas pinceladas de ouro liquido, e as olheiras misturando ao carvão um pouco de ouro impalpavel. Ellas ainda occultam os seus cabelos sob uma perruca de sed. dourada e, finalmente, exhibem-se em salões dourados, por entre moveis dourados, cortinas douradas, almofadões dourados, tudo dourado, em summa.

Rastacuerismo? Quem sabe! Hontem, o culto do ouro — lembremo-nos disso — era privilegio tão só dos "nou-veaux-riches". Deve ser, pois, rastacuerismo...

Agora, outra novidade: fracassou ruidosamente a tentativa de resurreição da moda do Segundo Imperio. Tanto em Paris, como em Londres, as "toilettes" que vestiram de legendario esplendor a juventude de Eugenia de Montijo, andaluza de nascimento e imperatriz franceza de condição, não lograram o exito que lhe haviam prophetisado os costureiros famosos. Foi uma pena, entretanto, porque esse insuccesso vem favorecer extranhamente a exotica criação da "mulher-taboa", ou "mulher-parallelogramatica", puro estylo Picasso, qüer dizer o puro estylo cubista. E' essa, no momento, a silhueta preferida: sem curvas nem relevos, formada da combinação de angulos e planos, recta, minuciosamente recta, dando a impressão exactissima de um sacco en: pé — desculpem-me o plebeismo da comparação...

Outro modelo que causou vivo furor em Paris foi o "vestido-biombo"... O seu prestigio foi, todavia, ephemero. Na Inglaterra, as elegantes lançaram um genero ultra-curioso de chapéus. Ao envez de enfeitá-os com passaros empalhados ou de mentira, ellas adaptam ás abas dos chapéus uma pequena gaiola artistica, dentro da qual trazem prisioneiro o passarinho de sua predilecção...

Terminado o exame, o costureiro disse, desalentado, não acham? Por fim, uma anecdôta:

Certo costureiro celebre de Paris foi encarregado de confeccionar o vestuario femenino de certa revista de theatro. As actrizes e bailarinas que deviam tomar parte na representação foram ao seu "atelier", em companhia do director de scena, tomar as necessarias medidas. O "mestre" examinou uma por uma, não encontrando uma só que fosse mal feita: todas ellas eram raparigas formosas, escolhidas a deão para um espectáculo alegre.

Terminado o exame, o costureiro disse, desalentado, para o director de scena:

— Não posso vestil-as.

— Por que? indagou o outro, cheio de espanto?

— Porque são demasiado mulheres. A moda actual, pela qual sou um dos responsaveis, exige que a mulher seja muito pouco mulher, isto é, lisa de todos os lados... Deante disso, o director de scena desistiu de vestir o seu pessoal, apresentando-o no palco tal qual Deus o fez, pelo que, aliás, commenta um espirituoso chronista, o publico lhe manifesta todas as noites o seu agradecimento, enchendo o theatro...



Robe do soir — criação de JENNY — Paris



ROBE DU SOIR criação de CALLOT SŒURS — Paris



Creação de LA GAINE PARABÈRE — Paris



NOVIDADES
PARISIENSES

ULTIMOS
MODELOS



Creação de LEWIS



Creação da casa MARCELLE DUMAY



Creação da casa MARCELLE DUMAY



Creação de
MARCELLE JAVRAS



Dois lindos modelos
creação de
CAMILLE & SUZANNE





Recebe em :

Bolsas de Gollalith
Porcellanas de Robj e Aladin
SEMPRE AS ULTIMAS CREAÇÕES
Gonçalves Dias, 75

Central 2893

Bodas reais

Conversam a Princesa e Emelia, a sua amiga íntima.

— Em coisa alguma eu desejaria pensar agora e, muito menos, na minha equipagem. Que importa o que eu possa levar commigo, se eu não sei se eu propria vou? Que tristeza, Emelia! Começar outra vida, uma vida differente na côrte de meu marido!

— Outra vida?! Tu não vaes desterrada, nem para paz selvagem... A côrte delle ha de ser como esta, como todas as côrtes...

— Não digas tal. Aqui vivemos em familia, em carinhosa intimidade...

— E lá viverás da mesma fórma.

— Bem sabes que não. Uma ou outra escapada á caça e prompto. Ir uma noite ao theatro, de imprevisto, é caso para se tornar em questão de Estado. Morrerei de tristeza, tenho a certeza...

— Qobre Princesa! E todos na côrte a imaginar que estavas apaixonada pelo teu futuro marido!

— Apaixonada?! Póde uma Princesa chegar a saber o que isso é ou o enamorar-se apenas?! Desde que tive uso de razão fiquei logo sciente de como havia de casar-me quando chegasse o meu dia. O meu oraculo foi o Almanach Gotha.

— Ha por onde escolher... Não é bem assim.

— Julgas isso? Conta, então, os Príncipes que por motivo de razões politicas ou differença de religião, ficam sem par. Olha, seria essa a unica condição que eu exigiria, que o meu marido não fosse de outra religião. Pensar que ha Princesas que mudam de religião só para se casar! Bem basta a gente mudar de patria! Mudar de patria para nós é uma obrigação, para os outros acção má! Casar com estrangeiro é quasi uma traição á patria... E em caso de guerra? Os nossos filhos contra os nossos irmãos!

— E' justamente para evitar isso, que se fazem as allianças matrimoniaes.

— Velharias ridiculas, minha Emelia! Tu crês que as allianças dos reis possam influir na sorte dos povos? Eu tenho lido historia, minha querida. E' um sacrificio inutil!

— Sacrificio?! Se Suas Majestades te ouvissem! Bem sabes como teus paes te querem!

— Nem digo bem ainda! Não é sacrificio, é malvadez inutil. Inutil porque, de qualquer modo, eu não haveria nunca de poder saber o que é o amor..., esse amor dos romances... das poesias... Desejaria, porém, ao menos, não sahir daqui... não me achar só, na côrte do meu marido... Só, sempre!

— Mas, se acaso chegares um dia a enamorar-te do Príncipe? Quem sabe se com o tempo...

— Pobre de mim! Ainda eu não sabia que havia de ser elle quem me viria a tocar, por sorte, como marido, vi um dia o retrato de uma actriz bonita numa revista illustrada. Perto de mim cochichavam meus irmãos e comprehendi que elles não queriam que eu visse aquillo... Despertou-me curiosidade e vim a saber que a formosa actriz era a favorita do meu futuro esposo.

— Pois sim... mas nesse tempo era solteiro... De então para cá...

— Bem sei... Deve ter tido muitas outras.

— Que queres? E' privilegio dos homens.

— Sim... porque elles vivem e nós sonhamos.

— Ah! Se os nossos sonhos fossem realidades, seria peor.

— Vê aqui o meu sonho... disse a Princesa, abrindo uma pequena caixinha que fôra buscar no seu "toilette". Uma flôr secca... Se eu lhe mexer, se lhe tocar, desmanchar-se-á... é capaz de se desfazer. Cahi-me um dia no carro, quando eu passava num dos bairros pobres da cidade. Trazia preso um papel, que dizia: "Amo um impossivel". Minha mãe rasgou o papel, mas pude guardar a flôr.

— E não fizeste nada por saber?

— Que loucura! Eu nem sequer sabia que bairro era aquelle. Não podia tambem confiar em ninguem... Não tentei saber nada. Posso, porém, afirmar-te que, por muitas actrizes que o Príncipe tenha protegido, mais, muitas vezes mais, eu tenho beijado esta flôr, e será a primeira coisa da minha equipagem.

— E se o Príncipe, um dia, descobre essa caixinha?

— Saberei dizer-lhe que é a primeira flôr por mim recebida ao chegar á sua côrte e que, por isso, a guardarei sempre como recordação.



— *Já lhe disse que não quero que me acompanhe !*
 — *Mas eu não quero acompanhá-la. Eu quero ir ao seu lado*

No-palco-e-no-écran

Uma comédia que Molière não escreveu

Ha doze annos, narra o *Paris Medical*, os estudantes de medicina da Sorbonne fizeram representar uma comédia em dous actos, em verso, letra de Marcel Bordier e Robert Chapelain, musica de Albert Charlet Reyjal, cujo primeiro quadro representava um pavilhão de dissecação nos jardins de Vesinet e cujo segundo era o gabinete de uma doutora.

A comédia, que se intitulava *Si je veux d' serum ?!* gyrava, como se vê, em torno da medicina e dos medicos, contendo passagens cheias de um extraordinario bom humor, como esta em que um velho professor faz aos seus alumnos a seguinte austera preleção:

*Quand on veut bien disséquer un cras,
 On clève la peau et puis le gras.
 Avec douceur et doigté, N'pas l'oublier.
 Puis, alors, tout doucement, on ose
 Dégager de son aponévrose
 Le beau muscle qui est en d'sous, rouge caouteux.
 Mais voilà où ça diffieil'vient.
 Si l'on n'connait pas bien,*

*Dans la graiss' c'est un vrai fouillis,
 Où les nerfs se trouvent enfouis.
 Il faut, alors, avec soin,
 A la sonde dégager bien...
 C'est po sible, mais il faut
 Que l'on fasse place nette.*

*Et si vous appliquez ma recette,
 Vous verrez très clairement les vaisseaux
 Et disséq'erez tout com m'Se bileau !*

No segundo quadro, todo o corpo medico de Paris desfila pelo gabinete da doutora. Cada qual apregôa melhor as vantagens do seu methodo de cura.

Mas eis que surge o treponema pallido e recita este delicioso soneto, um *chef d'oeuvre* de ironia *grivoise*:

*Gracile et serpentin, je suis le spirochète
 Le plasma ricin: voilà mon habitat.
 Tu voudrais m'en classer, ô Japonais Hatta.
 De l'mainis palais muqueum où calme j'ai végète,
 Je le sais, le mercure ou l'hectine me guette.
 Le sir cent sir d'Ehrlich qui toujours me rata
 Je n'en fiche. Croyez, jamais on ne m'ota
 Toute velléité de faire la dinette.
 Sur votre corps lubrique, humains, pâles humains,
 Employez le piérol et lavez-vous les mains.
 Mais je suis bien en vous, étant héréditaire.
 Je suis prince du sang et j'échappe à vos lois.
 Eternel parasite, étant protozoaire,
 J'ai tué bien des gueux, mais aussi quelques rois !*

Surge, porém, o serum, e o treponema é destruido.

E a deliciosa comédia que Molière não escreveu termina por este surprehendente episodio a Voronoff: um morto que resuscita e, em signal de gratidão, se casa com a doutora que lhe restituiu a vida...



MONNA VANA

“DEVORANDO”

“CHARLES



... mas ganhou o coraçãozinho de Nadine ...

Um verdadeiro colosso, o film que a FOX, ora nos apresenta sob o título —“Devorando Espaços”.

Charles Jones, o querido e destemido sportman da actualidade, nesta fita é mais perfeito do que nunca.

Como nota de sensação, esta pellicula tem uma corrida de automoveis que leva os espectadores maravilhados de principio a fim.

Grande successo alcançará esta producção.

DESCRIPÇÃO

Grande mimação reinava aquelle dia em Painted Hills. E' que no dia immediato effectuar-se-hia na cidade a grande corrida de automoveis.

Enquanto pelas ruas e avenidas o povo entusiasmado e alegre fazia apostas, a residencia do opulento millionario Dutton Harner, estava em festas, reinando a alegria em todos os corações. Sómente Herdmer não se achava alegre, pensando no passo que dera, casando-se com Lorraine, uma borboleta social, e cuja mãe fizera com que sua idolatrada filha Marie, abandonasse a casa, fugindo para logar ignorado.

E ainda se aggravam os acontecimentos, quando por acaso indo á varanda, depara com a infiel esposa nos braços do seu amigo Tyler, beijando-o e dizendo-lhe que muito o amava.

Enfurecido, chama-os ao seu gabinete particular, e depois de dizer-lhes que tudo ouvira e presenciára, expulsa-os immediatamente, obrigando Tyler, como castigo, a assinar uma aposta de tudo quanto possuia, na corrida de automoveis e que levasse Lorraine como presente.

Vendo seus infames planos frustrados, Tyler e Lorraine



Nadine sentia-se feliz ao lado de Jack

vão usar de toda trama possível afin de que “O Dorado” (auto de Herdmer), não vencesse o “Especial Tyler”.

E assim, infamemente, compram o *chauffeur* encarregado de guiar o carro do millionario.

Mas, o que não calenta Tyler, é que Herdmer, tendo descoberto tudo, dispensa o traidor, substituindo-o pelo gnapo campeão Jack Darwin, que apesar de ter promettido á sua progenitora jámais figurar em corridas, tendo porém, obtido permissão da mesma, accede ao pedido do ricoço para guiar o “Dorado”.

Eis chegado o momento tão ansiosamente esperado, e o povo n'uma alegria indescriptivel, aguarda a hora da partida.



Ferido. Jack só pensa na desforra

ESPAÇOS" FOX-FILM

JONES"

Vendo que indiscentivelmente o "Dorado" seria o vencedor do pareo, Tyler, que tudo apreciava de aeroplano, faz baixar o mesmo, ferindo o pobre rapaz no braço, e assim é que o "Especial Tyler, chega em primeiro lugar a Los Angeles, perdendo Herdmere a aposta, com o infame Tyler.



Tyler é obrigado a assignar uma proposta

Perdera pela primeira vez de sua vida de campeão, aquella corrida, porém, ganhára coisa superior; ganhára o coraçãozinho da encantadora Nadine La Motte, actrisinha principiante, dotada de excellentes qualidades. E aquelle conhecimento toma umno mais sério, no tratamento que lhe prodigalisára a joven durante o ferimento que recebera no braço pelo infame Tyler.

Jack Darwin, depois de restabelecido, jura vencer Tyler na proxima corrida, e como o millionario, que tudo ignorava, nega-se a dar-lhe o carro para correr, o rapaz, juntamente com os seus camaradas, compra um bom carrinho, e em companhia de Nadine, sua muito querida Na-

dine, Jack vae dar o primeiro passeio, e imagine-se a surpresa da moça, ao chegar ao seu aposento, deparar com o infame Tyler, preparado para raptar Marie, sua companheira. E Jack, que logo reconhece o causador de ter perdido aquelle pareo, atira-se a elle, travando-se então encarniçada lucta corpo a corpo. E

ainda uma vez o perverso Tyler sahe vencedor, atirando com um grande vaso á cabeça do rapaz, que cêc atordoad. No momento em que fugia Tyler em companhia de Marie, em caminho para se casarem, chega o velho Mardmere em busca de sua filha, pois que Marie era a filha fugida, e tal não é o seu desespero ao saber da triste realidade.

Sem mais tempo a perder, Jack e Herdmere vão em perseguição dos fugitivos, chegando ainda a tempo de evitar aquelle casorio, chegando ainda Jack,



Infame !

embora no ultimo instante, ao campo de corrida.

Furioso, ríngido em odio, Tyler, vendo que Jack vencia a corrida, tenta feril-o; porém Lorraine, despeitada, por ter o infame depois de desgraç-a, a abandonado, fere-o mortalmente, atirando-se tambem sob as rodas do auto que o trahidor guiava, perecendo ambos no mesmo instante.

E enquanto Lorraine e Tyler recebiam o merecido castigo, Jack e Nadine, dirigem-se á Igreja para miarem-se para o resto da existencia, entre vivas e palmas do povo entusiasmado pela victoria do rapaz naquella sensacional corrida !...



Depois da victoria a recompensa...



A mulher e a politica

Eis ali as oito mulheres que conseguiram, este anno, ganhar aos homens as eleições, na Inglaterra, entrando para a Camara dos Communs. São ellas, da esquerda para a direita: ao alto, lady Astor, mrs. Hilton Philippon e duqueza d'Atholl, conserva loras, e lady Terrington liberal; em baixo, mrs. Wintringham, liberal, e "misses" Margaret Bondfield, Dorothy Jewson e S. Lawrence, trabalhistas.

A nova esposa de Trotzky

Trotzky, o famoso dictador bolshevista, acaba de repudiar sua mulher Leona, que com elle partilhara dos soffrimentos do exilio e lhe dera dous fortes e robustos herdeiros. A culpa de Leona ter nascido num meio baixo e ser uma judia vulgar e pouco apresentavel. Logo ao abandonai-a, Trotzky desposou, segundo o rito maximalista, a filha de um antigo general do tzar.

Natalia Zanevna, assim se chama a sua segunda mulher, é uma rapariga loura, que pela sua rara belleza e pelo luxo de suas "toilettes" maravilha o grande mundo de Moscova.

Trotzky, porque ella fosse, de algum modo, a arbitra suprema das elegancias em toda a Russia, nomeou-a intendente geral das Bellas Artes.

Confere...

A belleza e a elegancia feminina

Marcel Prevost, um dos novellistas preferidos pelas mulheres, pretendia que nenhum outro tempo foi tão indifferente á belleza da mulher como o actual. O autor de "Demi-vierges" escreveu em derredor desse thema paginas muito enrisas, affirmando que a belleza feminina não preoccupa a nenhuma cidade, e que era até em Paris onde maior ridiculo provocava essa questão.

É realmente verdade que Paris só consagra, por anno, um dia ao culto da belleza feminina. É o dia da "Mi-Carême", em que o ideal esthetico da multidão é representado por verdureiras e engommadeiras, bonitas sem duvida, mas que não nos trazem á lembrança, nem a deliciosa Helena, nem a aristocratica mme. Recamier, nem a fulgurante mme. Castiglione.

Si perguntarmos a uma parisiense qual a mulher mais bella de Paris, ella não nos saberá responder. É isso porque... "a mais bella parisiense" não existe.

Mas si lhe perguntarmos qual a mais elegante, ella nos citará vinte ou trinta nomes differentes. Em Paris, o culto da elegancia substituiu o culto da belleza. Uma mulher oella, mas não elegante, passa despercebida, ninguém mesmo chega a ligar-lhe importancia. Dizei a uma parisiense: "Senhora, não ha no mundo mulher mais bella que Vossa

Excellencia. Vossa Excellencia, porém, não sabe vestir-se, nem pentear-se..." e essa mulher vos guardará odio a vida inteira.

São intressantes as palavras de Marcel Prevost: "Por um maravilhoso trabalho exercido no mundo parisiense por um artificio de "toilette", pelo penteado, a tintura, o adorno, a deformação systematica do typo feminino, natural e classico, as mulheres conseguiram desfigurar todas as noções que os pobres homens tinham da belleza de suas companheiras." A primeira idéa, diz elle, que inspiraria a uma parisiense o qualificativo de "bella" seria a de submeter-se a um regimen.

E termina...

"Hoje, a expressão "mulher formosa" serve para designar a uma pessoa grosseira, difficil de vestir bem".

CABELLOS

A Loção Brilhante é o melhor especifico para as affecções capilares. Não pinta, porque não é tintura. Não queima porque não contém saes nocivos. É uma fórmula scientifica do grande bolânico Dr. Ground, cujo segredo foi comprado por 200 contos de réis.

É recommendada pelos principaes Institutos Sanitarios do estrangeiro, e analysada e autorizada pelos Departamentos de Hygiene do Brasil.

Com o uso regular da Loção Brilhante:

- 1.º — Desapparecem completamente as caspas e affecções parasitarias.
- 2.º — Cessa a queda do cabelo.
- 3.º — Os cabelos brancos, descolorados ou grisalhos voltam á cor natural primitiva sem ser tingidos ou queimados.
- 4.º — Nos casos de calvice faz brotar novos cabellos.
- 5.º — Detém o nascimento de novos cabellos brancos.
- 6.º — Os cabellos ganham vitalidade, tornam-se lindos e sedosos e a cabeça limpa e fresca.

A Loção Brilhante é usada pela alta sociedade de São Paulo e Rio.

Vidro, 7\$000. — Pelo Correio, 8\$000.

A venda em todas as Drogarias, Perfumarias e Pharmacias de primeira ordem.

ALBUM FAMILIAR

PASSATEMPO FEMININO

Volta á moda — informa-nos *Nos loisirs*, a interessante revista feminina franceza — a mania do decalque. A maioria dos objectos pequeninos que fazem o encanto de um interior são, hoje, adornados dessa maneira. Não se pense, todavia, que foi a decalcomania chamada "en série" a que acaba de resuscitar. Não. Agora, tem cada qual de criar o seu desenho, ou, mais simplesmente ainda, recortar as silhuetas apparecidas, que devem ser, em seguida, cobertas de uma camada de mankin e, depois, colladas cuidadosamente sobre uma folha de papel branco, liso. Os effeitos do branco e do negro são os mais felizes, adverte *Nos loisirs*. Recobre-se, então, o objecto a enfeitar com a folha assim preparada, a menos que a applicação possa ser feita directamente.

Os modelos que offerecemos aos leitores — *flôres recortadas, caixa de bonbons, "abat-jour", agenda, etc.*



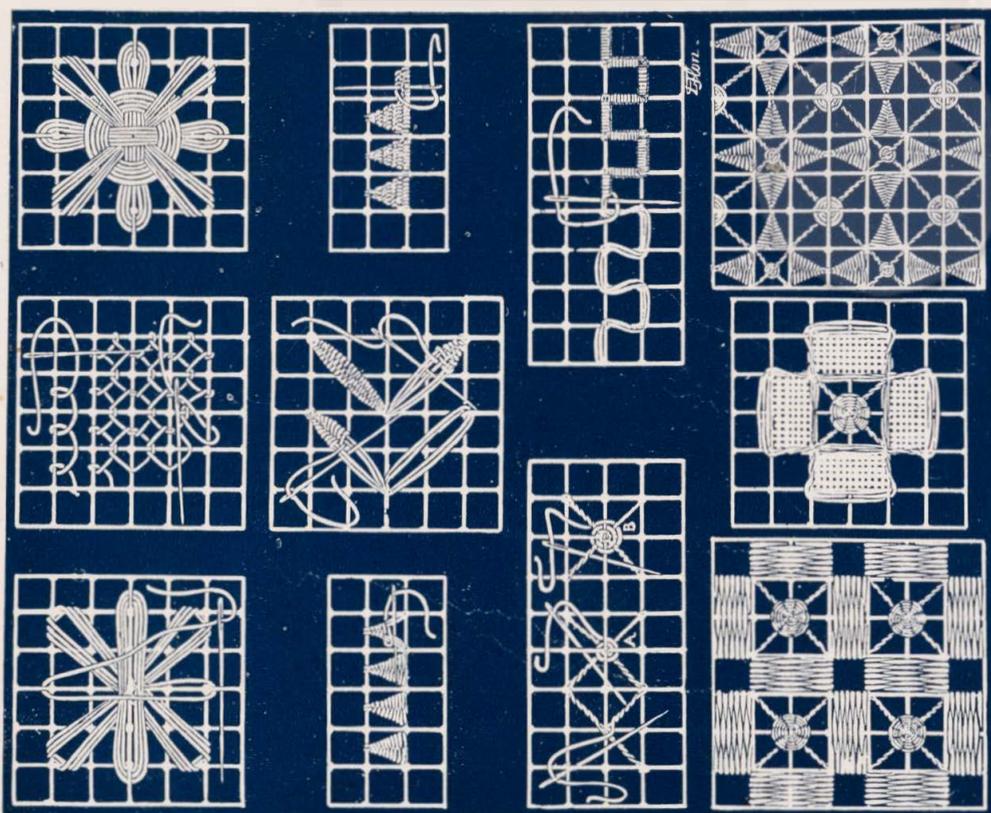
servirão para dar-lhes uma idéa exacta do que lhes vimos de dizer.

Convém notar que as silhuetas, sobre serem um adorno graciosissimo, custam muito pouco, ou antes, custam um quasi nada.

Esta pagina servirá, quando não sirva para cousa alguma, ao menos para despertar nas nossas amaveis leitoras o gosto por essa interessante especie de "sport" familiar, que é a decalcomania.

Quantos objectos, na apparencia insignificantes, não adquirem, enfeitados de silhuetas, um raro e dominante prestigio ?

Accresce nesse "sport" curioso do "home", uma virtude : a da variedade que nunca chega a ser banal. Uma senhora ou uma senhorita, habil em decalcar, poderá, si o quizer, conseguir uma collecção in-



Como se executam os pontos empregados no filet moderno

finita, e sempre deliciosa, de paysages, figuras, etc., etc. Neste numero damos tambem um modelo de filet moderno, com os diversos pontos necessarios á sua execucao. Elle e, por sua vez simples, original e bonito.

Nada tem de complicada a confecção, perfeitamente ao alcance de qualquer menina de dez annos, cuja mãã seja pre-
 -valente e pratica. Os desenhos que aqui publicamos, aliás, e que são como um "schema" desse

laine Chambry, uma curiosa chronista elegante do *doux-pays*, não é impossível, embora pareça inacreditavel. "faire naître avec de vieux clous, du sable, de la paille de fer, de l'eau et quelques acides, un jardin spontané"...

— Será verdade? eis a pergunta.

— Sim! responde nos a gentil Ghislaine Chambry.

— E como?

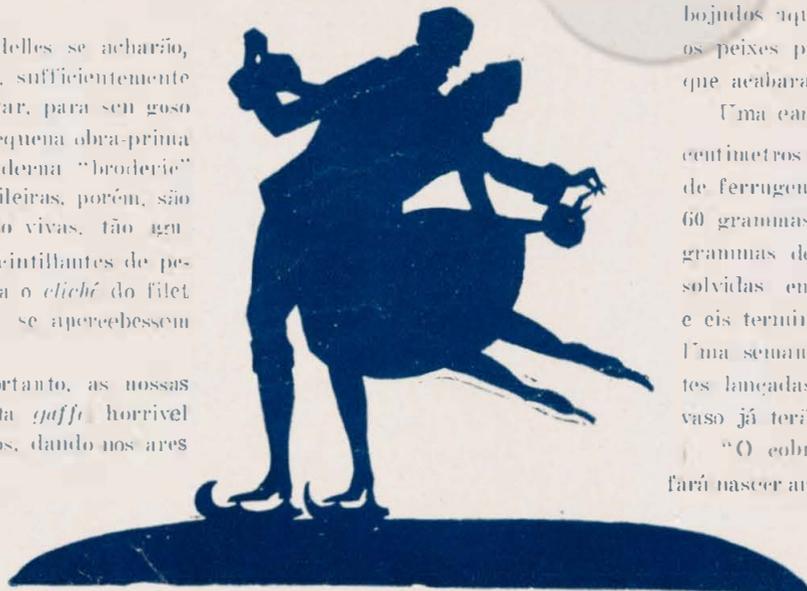
— Desta maneira:



interessante modelo, muito facilitarão as nossas amáveis leitoras, que por meio delles se acharão, em poucos minutos, sufficientemente habilitadas a executar, para seu gozo e uso pessoal, essa pequena obra-prima encantadora da moderna "broderie" parisiense. As brasileiras, porém, são tão inteligentes, tão vivas, tão agudas de espirito e scintillantes de penetração que bastava o *cliché* do filet para que logo ellas se apercebessem do resto todo.

Perdoem-nos, portanto, as nossas gentis patricias esta *gaffe* horrivel que ora commettemos, dando nos ares de quem quer ensinar Padre-nosso a Vigario...

— Segundo Ghis-



"O jardim nascerá num desses bojudos aquarios de vidro, por onde os peixes passearam de tal modo... que acabaram morrendo".

Uma camada arcia, de seis a sete centimetros de espessura, um pouco de ferrugem, um pouco de aluminio, 60 grammas de sulfato de cobre, 60 grammas de silicato de potassa dissolvidas em meio litro de agua... e eis terminado o "Jardim magico". Uma semana de espera e as sementes lançadas á arcia do fundo do vaso já terão germinado e brota lo!

"O cobre — explica Chambry — fará nascer arvoresinhas d'azul intenso, do ferro nascerão ramos vermelhos e do aluminio toda uma vegetação branca".

A Historia de MANON LESCAUT

Do ABBADE PRÉVOST

(Continuação)

— Mas se a conhecem, continuou elle, se a prendem ao fugir, a seus talvez para sempre a liberdade de Manon. Demais era preciso que ambos sabbiamos exactamente de Paris, pois nunca estariam bem occultos ás pesquisas da policia. Duplicar-as-lhe tanto pelo senhor como por ella. Um homem só, escava facilmente; mas é quasi impossivel ficar incognito, quando acompanhado por uma mulher bonita.

— Por mais solto que me pareceesse este raciocinio, não pôde superar o meu espirito a idea de vêr tão proximo a Manon restituída a liberdade. Ajuntei que o meu desigño era com effeito de deixar Paris para ir viver, como já outrora o tinha feito, n'algum lugar visinho; e pedi a M. de T... que perdoadesse ao amor a tener-lhe de a imprudencia.

— Combinamos então com o criado de não se d'istar a compra além do dia seguinte; e para tornar o exito tão certo quanto cabia em nosso poder, resolvemos trazer um fato de homem, a fim de facilitar a sahida de Manon. Não era factível o entrar; mas não me foi impossivel achar o que o, para o conseguir. Fui a M. de T... trouxe-se no dia seguinte duas vestes ligeiras uma sobre a outra e entregou-me do resto.

— Voltamos na manhã seguinte ao Hospital. Tinha comigo, para Manon, meias, garrizal, etc., etc., e por cima do gibão um sobretudo que não deixava vêr o volumoso das algebreras. Não estivamos com Manon senão momentos. M. de T... deixou-lhe ficar uma das suas vestes; foi-lhe o meu gibão, e não me sufficiente, para sahir, o sobretudo. Nada faltava, a não ser o selção, que desgraçaamente me tinha esquecido.

— Esta falta d'uma peça tão necessaria causou-nos-lhe riso, se o embarço em que nos collocava não fosse tão serio. Estava des-sperado por que um bagatella d'esta natureza fosse capaz de nos tollher a execução do nosso projecto. No entanto tomei um partido, que foi o de eu sahir sem calções, deixando-os ficar a Manon. O meu sobretudo era comprido, e em a ajuda de alguns alfinetes, achei-me em estado de passar decentemente a porta.

— O resto do dia pareceu-me de uma extensão insupportavel. Porfim, chegada a noite, dirigimo-nos para junto da porta do Hospital dentro de uma arruagem. Não nos demoramos muito tempo, sem que vissemos apparecer Manon e o seu conductor. Aberta a portinhola do trem, ambos subiram para elle a um instante. Levei nos braços a minha cara amante, que tremia como fraco junco acoutado pelo vendaval. O cocheiro perguntou-me para onde nos devia conduzir.

— Levamos para o fim do mundo, e para qualquer parte onde eu não possa mais ser separado de Manon.

— Este transporte, de que não pude ser senhor, ia-me sendo fatal. O cocheiro p'rou a minha lingua, e quando eu sahida lhe disse o nome da rua para onde nos devia conduzir, respondeu-me que receava muito não o comprehendesse; e que bem via que o individuo a quem chamava, em Manon era uma rabariga que em rubrica do Hospital, e que elle não se achava muito disposto a perder-se por minha causa.

— Os receos deste tratante não eram senão o desejo de me fazer pagar mais pelo aluguel do trem. Estavamos muito perto do Hospital para não haver prudencia. — Caliente, disse-lhe eu, ganhas um Luiz de ouro; depois d'isto ter-me-lhe ajudado a lutar fogo ao mesmo Hospital.

— Chegamos a casa onde habitava Lescaut. Como era tarde, M. de T... esp'rou-se de nós no caminho prometendo-lhe vir vêr-nos no dia seguinte.

— Cansado ficou só o criado. Levava Manon tão estreitamente apertada nas suas braços, que não occupavamos os seus mais do que um lugar na carruagem. Ella chorava de alegria, e eu sentia as minhas faces banhadas pelas suas lagrimas.

— Mas quando nos apeamos para entrar em casa de Lescaut, tive nova gravidade com o cocheiro, cujas consequencias foram funestas.

— Arr-pendi-me de lhe ter prometido do um Luiz, não só por que o presente era excessivo, mas por outra razão ainda mais forte, que era a impossibilidade em que me achava de o pagar. Mantive chamar Lescaut, que

de secc á porta da rua, e disse-me ao ouvido e embarço em que me achava. Como era de repente terrivel, e por modo algum costumado a bem tratar os cocheiros, respondi-me que eu estava brincando.

— Um Luiz d'ouro!... ajuntou; vinte bengalatas n'esse maroto!

— Debalde tentei mostrar-lhe que a sua sem razão nos ia perder. Trou-me a b'ca a las mãos e arrancou-me para o cocheiro. Este, que talvez já tivesse provado o que era um guarda de corpos ou um escudeteiro, fugiu de medo, gritando que o tinha enganado mas que em breve teria em suas mãos...

— A sua fuga inquietava-me extremamente; não duvidava que fosse queixar-se ao commissario de policia.

— Perdendo-nos, disse eu a Lescaut; não estou em segurança em sua casa e preciso fugir já. De o braço a Manon e sahimos promptamente desta rua tão perigosa. Lescaut fez-nos companhia.

— É admiravel o modo como a Providencia excelleo em accoimtar. Tinha-nos apenas andado cinco ou seis minutos quando um homem, cujo rosto não descobri, reconheceu Lescaut.

— Procurava-o de certo nos arredores da sua casa com o desgraçado desigño que levou a cabo.

— E' Lescaut, disse elle disparando uma pistola; irá esta noite ceiar com a Libe. E fugiu em seguida.

— Lescaut cahiu sem dar signal de vida. Instel com Manon para fugir, porque os nossos socorros eram inúteis a um cadaver, e eu teria ser preso pela policia, que não devia tardar em apparecer. Metti-me com ella o criado pela primeira rua. Manon estava de tal modo desfallecida que quasi não estava a sustenta. Em fim d'essa rua curru-nos em no extremo dessa rua Subimos para elle; mas quando o cocheiro me perguntou onde nos devia conduzir, fiquei novamente embarçado com a resposta. Não tinha a salvo seguro, nem amigo de confiança a quem ouzasse pedir socorro; estava sem dinheiro, não tendo na algebrira mais do que me a pistola. O susto e a fadiga tinham de tal modo incommodado Manon, que ella estava como que paralizada em meu lado. Demais, eu tinha a imaginação esvae-la por causa do assassinato de Lescaut, e não tinha a da desaparecido as minhas arrependidas a parte da policia.

— Que havia a fazer? Lembrei-me felizmente da hospedaria de Chaillot, onde tinha passado alguns dias com Manon, quando fomos áquella aldea procurar casa para morarmos. Esperava não se estar ali em segurança, mas pelo lá viver alg'um tempo sem ser obrigado a pagar de prompto.

— Levamos para Chaillot, disse eu ao cocheiro. Recusou de lá ir, sendo tão tarde, e me-nos de uma pistola; outro motivo de embarço. Então ajustamo-nos por seis francos. Era todo o meu linheiro.

— No caminho tratei de consolar Manon; mas em verdade a desesperação lavrava-me no funto d'alma. Ter-me-ia suicidado se não levasse nos braços o unico do que me prendia á vida. Ao menos possuo-a Manon em-me; Manon é minha.

— Por mais que diga Tiberge não é isto só um fantasma da felicidade. Veria perder todo o universo sem disso me importar. Porque? Por que nenhuma affecção mais me restava. Este sentimento era verdade ro; contudo, na occasião em que eu tão pouco caso fazia dos bens do mundo, sentia a necessidade de possuir d'elles uma má parte, para ainda a mas soberanamente poder desprezar o resto. O amor é mais forte que a abundancia, mais forte que os thesouros e as riquezas; mas tem necessidade do seu auxilio, e nada ha que se desespera por para um amante del'alto do que o vêr-se forçado por este lado a ter a grosseria das almas vis e baixas.

— Eram onze horas quando chegamos a Chaillot. P'omos recebidos na hospedaria como conhecidos velhos. Não se admiraram de vêr Manon em traje de homem, por que em Paris e seus arredores está-se habituado a vêr as mulheres tomarem toda a sorte de fórmulas. Fiz servir Manon tão promptamente como esse minha bolsa estivesse recheada. Ella ignorava que eu estivesse tanto em baixo a respeito de finanças, e eu guardei-me bem de lho dizer, re-

soyvido como estava de voltar, no dia seguinte, a Paris para buscar remedio a esta terrivel enfermidade.

— Manon durante a ceia pareceu-me pallida e magra. Não tinha dado por isso no Hospital, por que o quarto onde a tinha visto pela primeira vez não era das mais claras. Perguntou-lhe se seriam ainda effeitos do horror ao vêr assassinar seu irmão; respondeu, assegurando-me que por muito que este accidente a tivesse prostrada, a sua pallidez não provinha senão de ter passado trez mezes ausente de eu.

— Então amas-me extremamente?

— M'avez mais do que a minha bocca te pode dizer.

— E' n'ca mais me has-de abandonar?

— Não, nunca, replicou ella, e esta confissão, foi confirmada por tantas caricias e juramentos, que parecia impossivel que ella o pudesse esquecer. Sempre julguei que Manon era sincera. E que razão teria ella para se contrafazer até este ponto?

— Mas nem ella mesmo se conhecia, quando tendo diante dos olhos mulheres que viviam no meio do luxo e da abundancia, se via forçada a lutar com a miseria e as necessidades. Estava em vespuras de ter uma ultima prova d'esta verdade; e prova terrivel que excelleo todas as outras, e que brodiava a mais extrahorlaria aventura que tinha acontecido a um homem da minha posição, e com a minha fortuna.

— Conhecendo-lhe pois esse gen'ro, al'um pressa em ir no dia seguinte a Paris. A morte de seu irmão, a necessidade de ir buscar roupa e fato para ella e para mim, eram razões tão convincentes, que não tive necessidade de inventar nenhum pretexto.

— Sahi da hospedaria com intenção, disse eu a Manon e á estalajadeira, de tomar uma carruagem de aluguel; mas era uma farrada este dito. A necessidade obrigou-me a ir a pé até "Cours-la-Reine", onde tinha tenção de parar. Por saiva ter um momento de solidão para bem estudar o que ia fazer a Paris.

— Sentei-me na relva. Enfrei n'um oceano de considerações que se rediziram pouco a pouco a tres pr'ncipaes artigos: tinha a certeza de de ser corro immediato para se obter a um numero infinito de necessidades instantas; tinha a promessa de encontrar um meio qualquer, que me d'esse um meio esparado para o futuro; e, o que não era tambem de pouca monta, tinha infirmaryes e mudas a tomar para minha segurança e de Manon. Depois de ter esfaltado a mente com projectos e em combinacões sobre estes tres pontos, julguei ainda a proposito ouvir os dois ultimos, visto que não estavamos pouco o mais n'uma casa em Chaillot, e quanto ás ex'cenas futuras, bastaria pensar n'ellas depois de ter a uldo a presentes.

— Tratava-se pois de encher actualmente a bolsa. M. de T... e n'ra-me generosamente oferecido a sua; mas sobre este acellio tinha demasiada repugnancia, que posição, a de ir mostrar a nossa miseria a um estranho, e de ped'ir-lhe que repara a carnosidade a que tem? Não ha senão uma alma que seja capaz de tal coisa, por sua bondade que o impede de lhe sentir a indignidade; ou um christão bem despegado das vaidades da terra, por um excesso de humildade, que o torna superior a esta vergonha. Eu não era nem o um nem o outro. Um christão? Teria dado metade do meu sangue para ex'lar esta humilhação.

— Tiberge, dizia eu comigo, o bom Tiberge, recusar-me-á o dinheiro com que me poss' socorrer? Não; ficará immovivel da minha miseria, mas assassinar-me-á com a sua moral; é preciso ir disposto a affrontar as suas reprehensões e conselhos; ha de fazer-me comprar o seu auxilio tão caro, que daria ainda uma parte do meu sangue para me não expór a esta minha desgraçada, que pôde deixar-me gravadas no peito a perturbacão e o remorso.

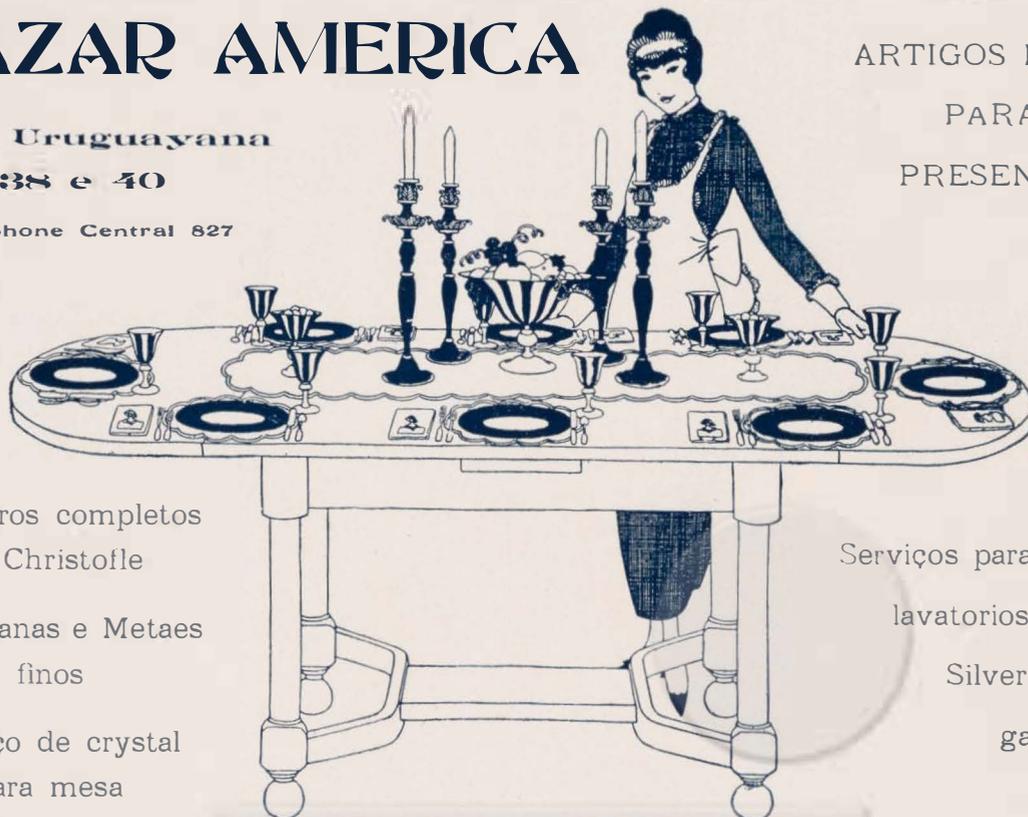
— Então, combinava eu, será preciso renunciar a toda a esperanca, visto que outros meios me não restam; e eu acho-me tão pouco disposto a usar d'estes loiz, que antes daria metade da vida, voluntariamente, do que seguir um d'elleg só que fosse,

BAZAR AMERICA

Rua Uruguayana

38 e 40

Telephone Central 827



Faqueiros completos
de Christofle

Porcellanas e Metaes
finos

Serviço de crystal
para mesa

ARTIGOS FINOS
PARA
PRESENTE

Serviços para
lavatorios em
Silver Plate
garantido

Sim, o meu sangue todo, ajuntai, depois da reflexão d'um momento, dal-o-ia de melhor grado do que ver-me reduzido a fazer ties supplicas. Mas trata-se aqui do meu sangue? ou da vida e sustento de Manon, do seu amor e da sua fidelidade? — Que tenho eu a contrabalançar com ella? Manon é para mim a gloria, a felicidade, a fortuna. Ha muitas cousas, sem duvida, por que eu daria a minha vida para obter ou para evitar; mas querer uma cousa mais do que a minha vida, não é razão bastante para que a estime tanto quanto estimo eu a Manon.

Depois d'estas reflexões pouco me custou o resolver-me. Continuei o meu caninhão, na intenção de ir ter com Tiberge, e d'alli a casa de M. de T...

Ao entrar em Paris, tomei uma carruagem, e alinda que eu não tivesse com que a pagar, contava com os socorros que ia pedir. Fiz-me conduzir ao Luxemburgo, onde mandei advertir Tiberge de que eu estava á sua espera. A minha impaciencia foi satisfeita pela sua promptidão em me apparecer. Fiz-lhe sciencia da extremidade em que me achava, isto sem o menor robio. Respondeu, perguntando-me: se as cem pistolas que eu lhe tinha pado me bastariam? e, sem tilzar a menor palavra, foi buscar-me as cem; esse ar franco, e esse prazer de obsequiar, que só conhecemos no amor e na verdade da amizade.

Verdade seja que eu não tinha a menor duvida no bom exito do meu pedio, mas surpreendeu-me o tol-o conseguido tão barato. Isto é, sem que Tiberge me fizesse um sermão sobre a minha impenitencia. Mas enganai-me, julgando-me totalmente quite das suas reprehensões; pois quando acabei de metter o dinheiro na bolsa, e que me preparava a deixalo, pediu-me fosse dar com elle uma volta pela alameda.

Eu não lhe tinha fallado de Manon, Tiberge ignorava que ella estivesse no gozo de liberdade; assim, o seu sermão não versou senão sobre a minha fugida temeraria de S. Lazaro, e sobre o receio que elle tinha de que as licções que eu lá havia recebido, em vez de me servirem de proveito, fizessem com que eu tomasse de novo a senda da devassidão. Disse-me que tendo ido a S. Lazaro para vitar-me, no dia seguinte ao da minha evasão, ficara surpreendido o mais que era possível, quando sobre o modo por que ella havia sido feita; que a tal respeito tinha tido uma conferencia com o superior; que o pobre padre

ainda não estava em si do susto, mas que no entanto tinha tido a generosidade de disfarçar ao intendente geral da policia as circumstancias da minha fuga, fazendo ao mesmo tempo com que além das portas do edificio, todos ignorassem a morte do porteiro; que eu podia estar certo de que por este lado nenhum mal me viria, mas que se me restava ainda algum vislumbre de honra, deveria aproveitar-me d'esta crise feliz; que o ceo dava ás minhas extravagancias; que o meu dever era escrever a meu pae, tratar de me reconciliar com elle; e que se quizesse uma vez seguir os seus conselhos, era de opinião que deixasse Paris, para voltar ao seio da minha familia.

Ouvi o seu sermão até ao fim. Nelle havia bastantes ideias satisfactorias. Fiquei satisfellissimo de nada ter que temer do lado de S. Lazaro. As ruas de Paris tinham-se tornado livres para mim. Em seguida loogar, applaudi-me de que a Tiberge não pela ideia lhe passasse que Manon estava solta, e que de novo se achava na minha companhia. Notei mesmo que Tiberge tinha-se esforçado em me não tilzar nella, na opinião, aparentemente de que eu já não estava tão apaixonado visto que tão tranquillo me mostrava a seu respeito. Resolvi no entanto senão a voltar para casa de minha familia ao menos escrever a meu pae, como elle me aconselhava, testemunhando-lhe o quanto me achava d'oposto a voltar á senda dos meus deveres e da sua vontade.

A minha esberança era de o engajar a enviar-me dinheiro, isto sob pretexto de fazer as meus exercicios na Academia; pois custar-me-ia muito a persuadir-lha de que eu estava na disposição de voltar ao estado ecclesiastico; e no fundo, eu não tinha nenhuma repugnancia para o que lhe queria transmitir.

Estava até bem satisfeito, pelo contrario, de ter tido uma vida honesta e decente, tanto quanto este designio pudesse ir de accordo com o meu amor. Fazia conta de viver com a minha amante, e cursar ao mesmo tempo os meus estudos. Isto era mui compativel.

Estas ideias produziram em mim uma tal satisfação, que prometti a Tiberge de enviar naquelle mesmo dia uma carta a meu pae, carta tão terna e tão submissa, que ao lê-la, depois lheongeei-me de que por ella obteria alguma coisa do coração paterno.

Ainda que já tivesse meios de pagar uma carruagem, depois de ter deixado Tiberge,

acho prazer em ir a pé dirigindo-me para casa de M. de T... Achava-me feliz nesse exercicio da minha liberdade, pela qual o meu amigo me havia assegurado nada ter a temer. Contudo lembrou-me de repente que esta segurança era só relativamente a S. Lazaro, e que eu estava além disto abarbadado com o negocio do Hospital, sem contar com a morte de Lescaut, á qual eu tinha assistido como testemunha.

Esta lembrança assustou-me por tai modo, que me retirei para uma rua afastada, d'onde fiz chamar uma carruagem.

Fui direito a casa de M. de T... que seria dos meus receos. Até eu tambem tive vontade de rir depois que elle me disse que nada tinha a temer, nem do Hospital nem de Lescaut. Contou-me que, na ideia de que assim tassen ter elle tomado parte no rapto de Manon, tinha ido logo pela manhã ao Hosp tal, pedindo para vê-la, fingindo ignorar o que havia acontecido; que alli estavam tão longe de nos acusar a mim ou a elle, que se tinham apressado pelo contrario a fazer-lhe sciencia esta aventura, como uma noticia extraordinaria, e admiravam-se de que uma rapariga tão bonita como Manon tivesse fugido com um criado; que elle se tinha contentado de responder friamente que não se admirava e que tudo se faz para conseguir a liberdade.

Continuou contando-me que tinha ido d'alli a casa de Lescaut, na esperança de lá me encontrar com a minha encantadora amante; que um visinho, que era carrocêiro, lhe tinha proestado que não nos tinha vistos; mas que não admirava que nós não apparecessemos em casa, se era só para o visitar que lá aros, por que sem duvida teriamos sabido que o tinham morto á mesma hora. E que interrogando o homem sobre as causas e circumstancias d'esta morte, elle tinha dito o seguinte: duas horas antes, um guarda de corpos, amigo de Lescaut, tinha vindo visitalo, e depois começaram a jogar. Lescaut tinha ganho tão rapidamente, que o seu parceiro em menos de uma hora achou de menos cem escudos isto é, todo o seu dinheiro.

Estê desgraçado, vendo-se sem um soldo, pediu a Lescaut lhe emprestasse metade da somma que tinha perdido; e por algumas difficuldades que sobreveram os dois começaram a disputar, chegando ás maiores insolencias. Lescaut tinha recusado sahir para se bater, e o outro, sahindo, jurou que lhe havia de fazer saltar os mollos; o que executou n'essa mesma noite.

M. de T... juntou que tinha estado muito inquieto por essa causa, e que continuava a offerecer-me os seus serviços. Não hesitei em lhe dizer o lugar para onde me tinha retirado. Pediu-me se o deixava ir ceiar connosco.

Como não restava mais do que levar roupa e vestidos para Manon, disse-lhe que podíamos partir n'aquella mesma occasião, se tivesse a bondade de querer demorar-se um pouco em alguns mercadores. Não sei se elle julgou que eu lhe fazia esta proposta com o fim de armar á sua generosidade, ou se foi simples movimento d'uma bella alma; o caso é que consentiu em partir immediatamente, e levou-me aos mercadores que forneciam a sua casa; fez-me escolher fazendas de preços mais consideraveis do que aquellas que eu queria, e quando me desistiu a pagal-as, prohibiu aos mercadores de receberem de mim a mais pequena quantia. Isto foi feito com tal delicadeza, que julguei poder aproveitar-me do favor sem ter de cõr. Tomamos ambos o caminho de Chaillot, onde cheguei muito mais de madrugada do que quando de lá parti.

O cavalheiro Des Grioux tinha gasto já mais de uma hora n'esta narração; pedi-lhe que descansasse um pouco e que nos fizesse companhia. A nossa attenção fez-lhe acreditar que o tinhamos escutado com prazer. Assanguinou-nos que a continuação da sua historia ainda era mais interessante: e, quando acabamos de ceiar, continuou n'estes termos:

HISTORIA DE MANON LESCAUT

Parte segunda

A minha presença, e a jovialidade de M. de T... bastaram para desvanecer os receios e terror, que se tinha apossado de Manon, em consequencia do tragico acontecimento da vespera. — Esqueçamos sustos que já lá vão, males, inda bem, passados, disse-lhe eu, ao chegar a Chaillot, e vivamos um para o outro, mais felizes e amantes do que nunca. Demais, por maiores e mais tristes que sejam os pezares que nos acarreta a má fortuna, o amor, esse bello amo, proporciona-nos de sobejo prazeres, não só para resarcir os males n'aquella, mas até para os fazer esquecer completamente. Estava mais ufano e satisfeito de ter a meu lado a gentil Manon e possuir as cen pistolas, do que de certo estaria o mais rico e avaro capitalista com os seus

th souros soterrados e escondidos á luz do sol: é preciso avaliarmos a nossa fortuna pelos meios que temos de satisfazer os nossos desejos; e eu não tinha mais do que um! O futuro pouco cuidado me dava. Estava quasi certo de que meu pae daria com que pudesse viver honestamente em Paris, visto que, contando já o meu vigesimo anno, estava no direito de exigir uma parte da herança de minha mãe. Não occultei a Manon que tudo quanto então possuía eram cem pistolas; a quantia sufficiente para esperar tranquillo e sosegado uma melhor fortuna que não devia falhar-me, ou fosse pelos meus direitos de successão, ou pelos recursos do jogo.

Assim, durante as primeiras semanas não cuidei senão de gosar da minha situação, e a honra e ainda um tal ou qual reoio da policia, faziam-me adiar de dia para dia, o ligar-me novamente com os associados da espulpança da hospedaria de T...; limitava-me a jogar n'outros circulos menos fallados, onde o favor da sorte me poupou a humilhação de recorrer á industria.

La passar á cidade quasi todas as tardes, e voltava para ceiar a Chaillot, acompanhado muitas vezes de M. de T... cuja amizade para connosco augmentava de dia para dia.

Manon achou enoios de distracção. Lipzouse, na visinhança, com algumas raparigas, que a primavera levára até Chaillot. Os passeios e os exercicios proprios do seu sexo faziam alternativamente a sua occupação. Uma partida de jogo, cujo preço ellas tinham limitado, dava para as despesas da carruagem, iam de tarde tomar o fresco ao bosque de Bolonha, e á noute, na minha volta, encontrava sempre Manon mais bella, mais contente e mais apaixonada do que nunca.

No entanto, alguns nevoeiros pareceram ameaçar o edificio da nossa felicidade, mas bem depressa se dissiparam, e o genio fofo de Manon fez com que o seu desenlace fosse tão comico, que ainda sinto prazer na recordação que me traz á mente a sua ternura e os recursos do seu espirito.

O unico criado que eu tinha chamou-me um dia de parte para me dizer, todo atropalhado, que tinha a communicar-me um segredo de importancia. Animei-o a que fallasse sem susto nem recato. Depois de alguns rodeios, disse-me que um viajante estrangeiro parecia ter-se apaixonado pela menina Manon.

Todo o meu sangue affluiu ao coração.

— E ella gosta d'elle? — interrompi eu mais repentinamente do que a prudencia mandava, para obter todos os esclarecimentos. A minha vivacidade assustou-o. Respondeu-me um tanto inquieto e balbuciante, que a sua penetração não tinha ido tão longe; mas que tendo observado que esse estrangeiro vinha assiduamente ao bosque de Bolonha que se apeava da sua carruagem, e que parecia buscar occasião de se encontrar a sós com Manon, tinha elle tido a lembrança de se fazer conhecido dos criados para indagar o nome do amo; que elles lhe tinham dito que era um principe italiano, e que nenhuns outros esclarecimentos poderia obter, por que o principe, chegando-se ao pé d'elle lhe tinha com toda a familiaridade perguntado o seu nome. Depois, como eu tivesse adivinhado que elle era nosso servo, o tinha comprometido por estar ao serviço da pessoa mais encantadora do mundo.

Esperava com impaciencia o final d'esta narrativa; o criado terminou-a com exultivas chizas de timidez, que eu não attribui senão ás minhas impudentes e prematuras exaltações. Debalde instei para que continuasse a contar-me o que soubesse sem o menor rebuço. Protestou-me que nada mais sabia, e o que me acabava de contar se havia dado no dia antecedente, e que desde então não tinha tido occasião de tornar a fallar aos criados do principe.

Soceguei-o, não só fazendo-lhe elogios, mas até dando-lhe uma boa recompensa; e sem mostrar a menor desconfiança de Manon, recomendei-lhe com ar sosegado e modo tranquillo que vigiasse todos os passos do estrangeiro.

Mas na verdade, o susto do meu criado ao vir-me tão sobresaltado com a noticia, deixava-me n'uma duvida e incerteza orueis. "Quem sabia se este susto era a causa d'elle ter supprindo uma parte da verdade?" No entanto, depois d'um momento de reflexão, cheguei mesmo a ter pezar de haver dado tal mostra de fraqueza. Eu não podia por modo algum accusar Manon de que a enganasse. Havia todas as apparencias de que ella ignorava a conquista que tinha feito; e que vida não ia eu passar se desse com tanta facilidade ouvidos ao ciume? Voltei a Paris no dia seguinte, sem ter formado outro projecto senão o de accelerar o progresso da minha fortuna, jogando mais forte, afim de me achar em circumstancias de abandonar Chaillot na primeira occasião que se apresentasse desfavoravel ao

Gillette

GRATIS

A Companhia Gillette Safety Razor do Brasil remette, gratuitamente, a quem enviar o coupon abaixo, devidamente assignado, o folheto illustrado, "Barbeando-se a Si Proprio", em que se acham informações valiosas e suggestões de interesse para todos os homens.

Prestar o maior serviço possível aos que se barbeiam a si proprios é a base de nosso negocio, e este folheto representa os esforços empregados com o intuito de alargar a esphera desse serviço citando algumas perguntas frequentemente feitas e respondendo-as.

Se já se barbeia com a GILLETTE, ou se estiver usando navalha de outras marcas, ou se ainda não se barbeia a si proprio, este folheto lhe será de grande utilidade.



Cia. Gillette Safety Razor do Brasil FROU (Vida 15)

CAIXA POSTAL 1797 — RIO DE JANEIRO

Peço o favor de remetter, gratuitamente, o folheto intitulado "Barbeando-se a Si Proprio".

Nome.....
 Endereço.....
 Cidade e Estado.....

PÓ DE ARROZ

MEU CORAÇÃO

O MAIS ADHERENTE E DE PERFUME MUITO AGRAVAVEL

-- Producto da Comp. de Perfumarias Beija-Flor --

PREÇO: Caixa grande.. 2\$500

" " pequena \$500

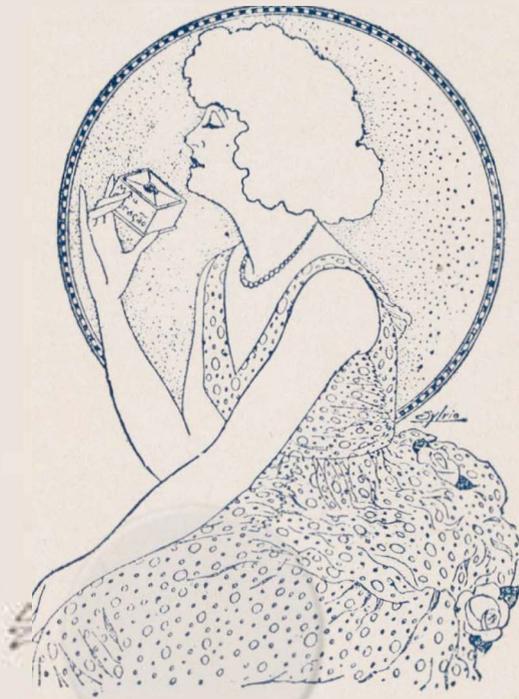
Á venda em todo o Brasil

PERFUMARIA LOPES

Praça Tiradentes Ns. 36 e 38
e rua Uruguayana N. 44 RIO

J. LOPES & Cia.

Grandes exportadores de perfumarias nacionaes e estrangeiras.



Loção MEU CORAÇÃO -- Superior ás melhores

eu-me pesada e reprehendi-a. Em resposta, Manon contou-me, que o meu rival, depois de a ter perseguido com as suas vistas e ohadellas ternas no bosque de Honzha, e de lhe ter feito adivinhar os seus sentimentos por meio de signaes, tinha tomado o partido de lhe fazer uma declaração d'amor em carta, que lhe fez entregar pelo cocheiro da carruagem que a levava a ella e ás suas acompanhadas até ao bosque; que nessa carta elle lhe promettia na Italia uma brilhante fortuna e eternas adoracoes, isto acompanhado de todos os seus titulos e lo montante dos seus bens. Que tinha voltado para Chailol resolvida a dar-me parte desta aventura; mas qu, tendo concebido que talvez nos, pudéssemos divertir com ella, não tinha podido resistir ao prazer de levar a cabo o seu plano; que tinha offerecido ao principe italiano, por uma resposta lisonjeira, a liberdade de a visitar, e que logo formulára a idéa de me fazer tomar parte na sua tentativa sem que eu suscitasse a menor rousa.

Não lhe disse a mais pequena palavra do que já sabia; e a embriaguez do amor fez-me approvar tudo.

Notei que em toda a minha vida o céu escolheu sempre, para me ferir e em os seus mais rudes castigos, as occasiões em que a minha fortuna e felicidade pareciam mais solidamente estabelecidas. Julgava-me tão feliz com a amizade de M. de T... e a ternura de Manon, que nada seria capaz de me fazer comprehender que tinha a receber uma nova desgraça. E preparava-se uma bem funesta, que me reduziu ao estado em que o senhor me viu em Passy, e, a pouco e pouco, a taes extremos tão deploraveis, que muito lhe custará a acreditar na fidelidade da minha narração.

Uma noite que M. de T... estava com-nosso, ouvimos parar uma carruagem á porta da hospellaria. A curiosidade levou-nos a perguntar quem era que chegava a taes horas. Disseram-nos que era o joven G... M... isto é, o filho do nosso nuno cruel inimigo, esse velho devesse que nos tinha trazido a mim em S. Lazaro e a Manon no Hospital. O seu nome fez-me subir o rubor ás faces.

— E' o céu quem o conduz, dizo eu a M. de T... para eu o punir da cobardia de seu pae. Não me escapa em panto ao meu irmo, as nossas espadas.

M. de T... que o conhecia, e que era mesmo dos seus melhores amigos, esqueceu-se por não fazer mudar de idéa, a sua res-

peito. Asseverou-me que G... M... não manteria assaz amavel, e tão á laje ter tomado parte na acção de seu pae, que eu mesmo logo que o conhecesse não duvidaria conceder-lhe a minha segun-

Depois de ter ajustado mil cousas em favor de, recebendo, pediu-me que des-salheença para o r convidar a sentar-se á mesma mesa, e arranjar-se conforme pudessem com os restos da ceia.

A obsecção do perigo a que se ia expor Manon descobrindo ao filho do nosso inimigo o seu esconderijo, reboudeu-me protestando novamente pela sua honra e boa fé, que logo que elle nos conhecesse não terminos nós zeloso defensor.

A vista d'isto passaram as minhas difficuldades. M. de T... não o trouxe sem primeiro o informar de quem nós eramos. Effectivamente, a sua figura preveniu-me logo em seu favor. Apertou-me a mão; sentamo-nos. Elogiou Manon, a mim, tudo quanto nos pertencia, e comeu com um tal appetite que fez honra á nossa ceia.

Quando se levantou a mesa, a conversação tornou-se mais serria. Baixou os olhos para nos fallar do excesso a que seu pae tinha chegado contra nós. Pediu-nos por esse motivo milharas de desculpas. Offertou-as para não renovar uma recordação que me envergonha em demasia.

Se as suas desculpas eram sinceras no começo, mais ainda se tornaram depois; ainda não tinha passado meia hora que nós estávamos reunidos, e já eu me apercebia da impressão que os encantos de Manon faziam sobre elle. Pouco a pouco as suas em-nidras e os seus olhares se focam enternecendo, e não obstante as suas palavras não o terem atraído, contudo a minha experiencia no amor me dizia claramente que G... M... começava a sentir-se impressionado por Manon.

Fez-nos companhia durante uma parte da noite, e não nos deixou depois de se ler lamenteiramente felleitado pelo nosso en-nhecimento, e ter-nos pedido a permissão de vir mais algumas vezes renovar des-olmente a offerta das seus serviços

Partiu para Paris na manhã seguinte com M. de T..., que foi tambem na sua carruagem

Fu não sentia nenhuma disposição para o cirurg, e acreditava mais do que nunca nos juramentos de Manon. Esta encantadora mulher era de tal modo senhora do meu coração e da minha vontade, que não nutria

para com ella um unico sentimento que não fosse de estima e de amor

Longe de a culpar por ella ter agralado ao joven G... M... es stavamenteado do effeito que lhe produziram os seus dotes naturaes e applaudiamos de ser amado de uma mulher que tolo o mundo achava encantadora. Não julguei mesmo convenientes dar-lhe parte das minhas suspeitas.

Occupamo-nos durante alguns dias do cuidado de arranjarmos o nosso vestuario, e a delibear se poderiamos ir ao theatro sem correr o risco de sermos reconhecidos. M. de T... veio visitar-nos no fim da semana, e consu tinhol-o a este respeito. Elle bem viu que era preciso dizer que sim por causa d' Manon. Assentamos a ir pois ao theatro nessa mesma noite todos tres.

Com isto est, projecto não se real sou, nos tendo fallado comigo em particular, M. de T... disse-me:

— Estou na maior difficção deste a ult ma visita que lhe fiz, e a minha vult aqui, hoje, tem isso por causa. G... M... está apaixonado por Manon, confesso-lhe. Sou amigo d'elle mas não o sou menos seu. E que as suas atencões eram injustas e contempnas. Tera guardado segredo, se G... M... não estivesse, resolvido a emprezar em si lo que os tram-bes communs d'um namoro; mais elle está bem informado do genlo e inole de Manon. Seub, não sei por onde, que ella gosta da abundancia e dos prazeres; e como é senhor d'uma fortuna consideravel, lechrou-me que quer s'auzil-a primeiro com um valioso presente, e depois com a offerta d'uma pensão de dez mil libras. Se o partido fosse igual estur-me-a muito o traidor-o, mas a justiça achou-se aliada em seu favor á amizade, e tanto mais que tenho eu s'lo a causa imbrutente da sua paixão, introduzindo-o aqui, sou obrigado a prevenir os effeitos do mal que causi.

Agradeci a M. de T... um servico d'alta importancia, e confessei-lhe, trocando confiança por confiança, que o genlo de Manon era exactamente como G... M... o fi-arava, isto é, que ella não podia supportar nem me no ouvir fallar em pobreza e inuid, como agora não se trata scão d'questão de mais ou de menos, não a julgo capaz de me abandonar por um outro.

Estou em circumstancias de lhe não fallar com cousa alguma, e conto que a minha fortuna irá em augmento de dia para dia.

— Não reiou mais senão de uma cousa: é que G... M... não se sirva do conh-ien-